

Tempestade no Deserto

Alex Ryder



Jane nunca imaginara algum dia ir parar nos braços de um bárbaro...

“Depois de beber no meu poço, a água de nenhum outro lugar irá saciá-la mais. Ficará comigo porque se tornará prisioneira de seus próprios desejos.”

As palavras de Kassim deixaram-na mais afetada do que ela queria admitir. Ainda mais depois de ser raptada por esse homem que se dizia descendente de bárbaros. Jane mostrou-se até disposta a aceitar a situação, pelo menos por algum tempo. Só não esperava receber a notícia de que se tornara noiva de Kassim em troca de uma dívida. Estaria mesmo destinada a se casar com um bárbaro em pleno século vinte?

Capítulo I

Era uma festa como qualquer outra. Barulhenta, cheia de gente e fumaça de cigarro, fazendo-a notar o prenuncio de uma enxaqueca. Estava sozinha à porta da sacada, olhando com indiferença através do vidro fechado. Desejava estar em seu apartamento, sentada confortavelmente no sofá, bebendo chocolate e lendo um bom livro. O champanhe de sua taça já estava morno quando, com um gesto sorrateiro, foi derramado em um vaso próximo.

Voltou a observar o interior do salão à procura de Damien. Ele prometera voltar em minutos, mas já haviam se passado minutos demais e, ela se vira obrigada a rechaçar duas insistentes investidas masculinas. Parecia a temporada de caça às ruivas de olhos verdes.

De súbito, ouviu uma voz máscula questioná-la suavemente:

— Srta. Jane Peters?

Ah, não! De novo não! Seria a terceira investida e todos haviam se dado ao trabalho de descobrir seu nome completo antes da

aproximação. O desejo de estar na segurança de seu apartamento aumentava cada vez mais.

Jane virou-se para encarar o homem. A resposta que havia preparado desapareceu de sua boca, ao mesmo tempo em que sentiu a garganta secar. Naquele instante, só conseguiu pensar na estranha sensação de apreensão que começou a experimentar e no arrepio que percorreu sua espinha.

Recompondo-se, forjou um sorriso comedido e educado, respondendo num tom inquiridor:

— Pois não? Sou eu mesma.

— Não nos conhecemos ainda — disse o homem, estendendo a mão — mas não se alarme. Não sou tão perigoso quanto pareço. Permita que me apresente. Meu nome é Kassim Riffik.

Kassim tinha dedos longos e fortes, e um firme aperto de mão. Novamente veio o inexplicável frio na espinha. Ele não parecia ser do tipo que se aventurava a cantadas em busca de um encontro casual. Alto, tinha um aspecto sombrio e furioso, capaz de deixar qualquer mulher acordada durante toda a noite, pensando nele.

O mais atraente era a tez muito morena, talvez devido à longa exposição ao sol do deserto, e os fartos cabelos negros, em contraste com os olhos de um azul profundo e brilhante, semelhantes a um par de safiras. Logo abaixo do nariz afilado, a boca revelava uma expressão incógnita de crueldade, quase oculta pelos lábios finos que mantinham um sorriso amigável. O terno preto era feito sob medida, ressaltando os ombros largos e fortes.

— Permita-me oferecer-lhe uma bebida, srta. Peters. Quem sabe algo mais agradável do que esta que acabou de ser jogada fora?

A voz era grave e aveludada, com um leve sotaque francês. Só então Jane notou que estivera por longos segundos no mais absoluto silêncio, observando-o.

— N-não, obrigada. É muita gentileza de sua parte, m-mas estou esperando meu... n-noivo. Ele deve voltar a qualquer momento.

Kassim olhou-a de cima a baixo de forma lenta e provocante, demorando-se deliberadamente em cada parte do corpo que o vestido curto e decotado não cobria. Deixou-a tensa ao extremo.

— Damien retornará em breve — disse Kassim, ocultando a perversa diversão que sentia. — Acho que ele encontrou dificuldades na resolução dos negócios junto a certos clientes. Na verdade, foi ele próprio quem sugeriu que eu fizesse companhia a você, até que pudesse retornar.

— Oh... sim. Entendo — disse Jane, totalmente embaraçada. — E... Damien disse o quanto demoraria?

— Não mais que o necessário — respondeu Kassim, fazendo a expressão simpática contrastar com o tom irônico de sua voz. — Estou certo que ele está ansioso por voltar à sua companhia,

Lançando um olhar inocente, continuou enquanto fazia um gesto eloquente com as mãos:

— Claro que não desejo impor minha inoportuna presença, se não for do seu agrado. Caso a senhorita prefira ficar sozinha...

Jane sabia que era uma manipulação. Recusar seria no mínimo uma grande falta de educação, e aceitar seria o mesmo que pedir a ele que ficasse. Na verdade, não sabia o que responder, mas não queria fazer papel de

boba. Apesar das roupas caras e da postura civilizada, parecia fácil imaginar esse belo homem de espada em punho, cometendo barbaridades durante saques e pilhagem. Difícil discernir se havia risco real ou se era apenas paranóia de sua parte.

— Foi muita consideração por parte de Damien, mas, por favor, não se sinta obrigado a cumprir a tarefa, sr. Riffik

— O prazer é todo meu, srta. Peters... — disse Kassim, sorrindo — ...ou posso chamá-la de Jane? É muito mais amistoso. Importa-se?

— N-não. De forma alguma — Jane balbuciou, sentindo a boca secar novamente.

— Ótimo. — Os dentes alvos e perfeitos brilharam num sorriso franco. — E você deve me chamar de Kassim.

Passando por Jane, abriu a porta da sacada e, tomando-a pelo braço, levou-a para fora.

— Vamos ficar aqui fora. É muito mais quieto e fresco ao ar livre.

No instante seguinte, ainda se perguntando porque nenhuma recusa passara por sua cabeça, Jane viu-se do lado de fora, observando o tráfego da avenida West London.

Através dos prédios ao sul, era possível ver as luzes da ponte de Chelsea ao longe.

Kassim segurava seu cotovelo com suavidade, mas o toque tinha algo de eletrizante. Algum tempo atrás, Jane não só saberia como lidar com a situação, mas também se divertiria muito flertando com esse homem provocante. Todavia, agora só queria estabilidade e segurança. E era exatamente isso que Damien representava. Qualquer situação que viesse a atrapalhar seu futuro casamento, deveria ser evitada a todo custo.

— Faz tempo que você conhece Damien?

— perguntou Jane, cautelosa.

— Nós nos conhecemos devido a alguns interesses em comum nos negócios — respondeu Kassim com um leve dar de ombros.

— Graças a ele essa rápida viagem a Londres tornou-se necessária.

— Entendo...

Parecia uma resposta aceitável. Damien conhecia tanta gente que era impossível para Jane lembrar o nome de metade das pessoas a quem fora apresentada. Não havia porque duvidar das palavras de Kassim, mas se a intenção naquele sorriso predador se

transformasse em ação, ela não hesitaria em dar-lhe uma boa cotovelada e voltar ao salão através da porta, dois passos atrás de si, para misturar-se à multidão.

— Mas agora vamos falar de você, Jane — disse Kassim, num tom baixo e suave.

Pegando a mão dela, olhou para o anel de noivado.

— Damien me disse que se casarão em breve. Vocês se conhecem há muito tempo?

— Nós... nos conhecemos há seis meses — respondeu Jane, com a voz entrecortada, desejando que ele mudasse de assunto.

Kassim aproximou-se, ficando entre Jane e a porta de acesso ao salão, bloqueando qualquer rota de fuga.

— Quantos anos você tem?

— Vinte e quatro — balbuciou ela, sentindo-se como menina de sete anos de idade, ofegante devido ao nervosismo.

O rosto de Kassim, inclinado sobre o dela, assemelhava-se ao de um predador espreitando a presa. Os olhos azuis haviam-na congelado por inteiro, impedindo-a de reagir quando ele passou um dedo suavemente por seus cabelos.

— Sua beleza é de tirar o fôlego.

Kassim falava muito baixo e num tom aveludado, bem próximo ao ouvido de Jane.

— Em meu país, uma mulher tão desejável quanto você já estaria noiva aos dezesseis anos. Homens apaixonados implorariam de joelhos por um beijo de lábios tão perfeitos. Os mais impulsivos se enfrentariam até a morte por você. Ouro, prata, jóias, pedras preciosas, tudo que desejasse seria seu e flores seriam jogadas a seus pés, em troca de um simples olhar. — Fazendo uma pausa, Kassim estudou-a com franco divertimento. — Ah, está embaraçada e acha que estou exagerando nas exaltações de sua beleza? — disse rindo abertamente. — Conheço bem as mulheres inglesas. Frias, distantes e desconfiadas de qualquer um. A etiqueta inibe a verdadeira expressão de seus sentimentos.

O coração de Jane batia em disparada, quase ecoando em seus próprios ouvidos, enquanto se sentia hipnotizada por aqueles olhos azuis. Num esforço por manter a compostura, conseguiu desviar o olhar do dele, mas Kassim continuou a provocá-la:

— É óbvio que apenas aumenta o prazer de um homem derrubar pedaço por pedaço essa muralha fria que a sociedade cria ao redor das mulheres, para liberar o fogo, a fúria e a paixão nela contidas. Sinto essa tormenta queimando em você, Jane. Um verdadeiro vulcão de sensualidade prestes a entrar em erupção...

De repente, Kassim parou seu inflamado discurso e espalmou as mãos diante dela, dando de ombros.

— Creio que me empolguei. Queira me perdoar, sim? Acabei esquecendo que você já é prometida a outro homem. Se não fosse o meu bom amigo Damien, eu fugiria com você pela noite e a levaria até minha tenda. Então, sob o brilho das estrelas, nos abraçaríamos e...

Jane interrompeu-o rapidamente, vendo um momento oportuno para vencer aqueles olhos faiscantes:

— Tenda? Você disse tenda? — questionou com um leve ar de deboche.

— Uma mera figura de linguagem — admitiu Kassim, demonstrando um sorriso embaraçado. — Você ainda conhecerá minha humilde morada... Bem, nem tão humilde. Na

verdade, um tanto quanto luxuosa. Estou certo de que gostará. Você e Damien serão meus convidados.

O tom de secura e deboche na voz de Kassim fizeram com que Jane deixasse de se preocupar tanto em ser educada.

— Acho melhor você convidar Damien, não a mim.

Kassim assentiu.

— Mas é claro. Cabe sempre ao homem decidir e à mulher discordar de todas decisões tomadas. Contudo, estou certo de que Damien jamais negaria qualquer pedido seu. Ele a ama muito, não é?

A maldade implícita no ar de gozação da pergunta fez Jane erguer a guarda.

— Ele quer se casar comigo — respondeu com firmeza. — Creio que isso responde a sua pergunta.

Seguiu-se um momento de tenso silêncio, até Kassim curvar os lábios num sorriso.

— Sim. Ele seria um tolo se não amasse uma mulher como você. Já que o conhece há seis meses e aceitou usar um anel de noivado, presumo que corresponda ao amor de Damien.

— Eu nem sequer sonharia em me casar com um homem a quem não amasse — respondeu Jane depressa.

— Óbvio que não — murmurou Kassim. — Deve ter pensado calma e longamente no assunto...

— Está ficando frio aqui fora — interrompeu Jane, de abrupta. — Gostaria de entrar, se não se importa.

Kassim retirou o paletó, num gesto galante, e o colocou os ombros de Jane, envolvendo-a.

— Daqui a pouco. Por enquanto isto deverá mantê-la aquecida.

Jane pôde sentir o calor do corpo de Kassim através tecido, fazendo-a engolir o protesto que iria proferir ao notar a intenção dele.

A aceitação passiva da gentileza satisfez Kassim.

— Você não pertence àquela multidão da festa — murmurou ele. — Um jardim cheio de ervas daninhas não é nada adequado para uma bela rosa.

Kassim aproximou-se mais e, por um momento angustiante, Jane teve a impressão

de que ele iria abraçá-la e beijá-la. Será que teria forças ou ao menos vontade de impedi-lo? E se ela não fizesse nada, será que Kassim entenderia como um sinal de aprovação e continuaria avançando?

— Veja bem... — defendeu-se, meio que apavorada. — Não creio que Damien tivesse algo assim em mente quando pediu que... que tomasse conta de mim.

Kassim demonstrou um ar satírico de surpresa.

— O que Damien tinha em mente então? Tenho certeza que ele se sentirá feliz em saber o quanto fiquei impressionado com seu gosto por mulheres e entenderá minha atitude como um cumprimento. Seu noivo nunca foi do tipo ciumento.

Kassim estava jogando com as palavras, confundindo-a.

— Bem... de qualquer forma, acho melhor parar de falar sobre... sobre minha beleza — Jane indicou o interior do salão através da porta. — Há dezenas de mulheres muito mais interessantes do que eu, ali dentro. Não existe motivo para ficarmos falando sobre mim.

— Damien pensa que há — Kassim afirmou calmamente. — Quando me contou sobre você, ficou tão empolgado que achei que fosse um exagero natural, um excesso de zelo. Todavia, vejo agora que tais comentários sequer fizeram jus a você.

As investidas contínuas e persistentes de Kassim aos poucos derrubavam as defesas de Jane, e ela nem sequer podia negar o fato de seu coração estar batendo muito mais rápido e forte que o habitual. Nessas horas, uma mulher tinha de saber demonstrar uma fachada de desinteresse, para escapar do charme masculino e resistir à atração que o homem estivesse exercendo.

Reunindo forças e tentando manter seu pensamento ancorado à realidade, Jane mudou o rumo da conversa para algo mais seguro:

— Você disse que veio a Londres para encontrar Damien. Estão no mesmo ramo de negócios?

Por alguma razão, Kassim achou a idéia hilária.

— De jeito nenhum, Jane. Pode-se dizer que foi o destino que fez nossos caminhos se cruzarem.

— Entendo — respondeu ela, tentando manter o andamento da conversa. — E quais são exatamente seus interesses, sr. Riffik? — continuou, certa de que, como todo homem bem-sucedido, ele não resistiria à tentação de falar sobre si mesmo.

Os olhos dele brilharam de um modo provocante.

— No momento, meu interesse está centrado em uma mulher encantadora, com cabelos da cor dos raios do sol poente e olhos semelhantes a esmeraldas.

"Oh, Deus", Jane exasperou-se. "Por que Damien estava demorando tanto?"

— Referi-me aos seus interesses nos negócios — corrigiu-o. — Trabalha com quê?

— Oh, tenho alguns acres de terra pobre, além de camelos, ovelhas e cabras. O suficiente para ir sobrevivendo.

Jane estudou o tecido do paletó.

— É difícil acreditar nisso, sr. Riffik. Pessoas que apenas "sobrevivem" não podem comprar um terno de seda italiano.

— Roupas caras... são meu único vício — respondeu ele.

Jane não acreditou muito, mas preferiu não insistir no assunto. Kassim tinha a aparência de um homem acostumado a enfrentar os problemas da vida e sair ileso de todos eles.

— E onde ficam exatamente esses acres de terra pobre? — indagou, determinada a não deixá-lo conduzir a conversa novamente.

— Marrocos — respondeu ele. — Um pequeno país da África. Com certeza já ouviu falar dele?

— Sim — respondeu Jane com sarcasmo. — Estudei geografia na escola.

Franziu o cenho de leve, desejando ter prestado mais atenção naquelas aulas. Marrocos... Montanhas e desertos... Casablanca... Toque outra vez, Sam...

— Sempre pensei que Marrocos pertencesse à França — comentou. Kassim disfarçou um sorriso.

— À França, Portugal, Espanha e até aos romanos. No decorrer da história, muitas nações tentaram nos dominar, mas finalmente nosso país pertence aos donos legítimos: os

berberes. Ou, como os romanos costumavam nos chamar: os bárbaros.

Jane não tinha o mínimo interesse por história ou política, mas demonstrou a curiosidade de uma aluna sedenta de conhecimento:

— A Costa Bárbara! Piratas! Assisti um filme sobre isso uma vez.

Kassim riu.

— Por Alá! Então assistiu um filme sobre isso? Ah, o que seria do mundo sem Hollywood? Mas tem razão, Jane, os corsários vieram de Marrocos. Seus ancestrais nos conheceram muito bem. Nossos navios costumavam navegar até a Inglaterra. Mulheres e crianças eram tiradas da cama no meio da noite e raptadas, para serem vendidas como escravas. — Tocou o rosto dela com a ponta dos dedos. — Uma mulher como você seria levada para o palácio do rei.

Jane sentiu a boca ressecar. Então a imagem que surgira em sua mente, com ele sem camisa empunhando uma espada, não fora assim tão longe da realidade. Para ela, Kassim era a imagem de um perigoso pirata.

Com um brinco de argola e uma barba pontuda, a imagem seria perfeita.

— Claro que a civilização acabou nos influenciando — prosseguiu ele. — As autoridades não admitiriam aquele tipo de comportamento hoje em dia.

— Ainda bem!

— Hmm... Acho que mais do que algumas mulheres nessa terra fria não se oporiam à idéia de serem raptadas na cama e levadas para um clima mais quente.

— Temos nossos recursos para esse tipo de coisa hoje em dia — Jane replicou. — Afinal, o que há de errado com as mulheres de Marrocos? Não existem muitas por lá?

Kassim inclinou-se para a frente até que seus lábios ficassem a centímetros do ouvido dela:

— Para homens que têm um desejo insaciável por beleza, nunca existem mulheres suficientes. Mas com uma mulher como você para compartilhar a vida, um homem nunca desejaria mais.

Jane sentiu as pernas trêmulas, porém reuniu coragem suficiente para levar as mãos ao peito de Kassim e afastá-lo. Estava na hora

de pôr esse homem insinuante no seu devido lugar.

— Escute aqui, sr. Riffik, não gosto da maneira...

— Kassim — sussurrou ele de um modo sedutor. — Sr. Riffik soa muito formal. Prefiro, manter nosso relacionamento a um nível mais... íntimo.

Jane empurrou-o com mais força.

— Já percebi isso! — retrucou. — Está fazendo questão de deixar suas intenções bem óbvias! Agora, quer por favor se afastar um pouco para que eu possa respirar?

Kassim obedeceu, sem deixar de exhibir o sorriso irônico.

— Perdoe-me, Jane, não tive intenção de aborrecê-la. Eu preferiria ser queimado em um tanque de óleo quente que lhe causar qualquer constrangimento. Ou então colocado nu em uma vala com escorpiões...

— Tudo bem! — Jane interrompeu-o, exasperada. — Também não precisa exagerar. Se não fosse esse jeito como me olha, eu até me sentiria inclinada a acreditar em você.

— Meus olhos apenas espelham a beleza que vêem.

Jane cerrou os dentes, furiosa.

— Droga! Começou de novo! Ouça — disse com paciência resignada — está perdendo seu tempo comigo, Kassim. É um homem muito atraente e eu estaria mentindo se... se negasse que fiquei lisonjeada por me achar bonita.

— Não apenas bonita. Sem dúvida, deslumbrante...

— Porém — ela prosseguiu sem dar atenção ao comentário —, esse anel no meu dedo significa muito para mim. Na minha vida, só existe lugar para um homem, portanto, se procura alguém para seduzir, sugiro que volte para o salão e encontre uma mulher mais suscetível ao seu charme.

Kassim olhou-a em silêncio, deixando-a ainda mais nervosa.

— Então — disse ele, por fim —, não rejeita a minha pessoa. O que a detém é simplesmente o fato de estar prometida a Damien?

— Claro que não tenho nada contra você como pessoa. Como eu disse, considero-o muito atraente. Todavia, sei que tem consciência disso. Por outro lado, parece meio

egoísta, bem, mas a maioria dos homens é, de modo geral.

Kassim tocou o rosto dela novamente e suspirou.

— Ah, se eu pudesse levá-la para Marrocos, Jane... Tiraria de sua mente todos os pensamentos dirigidos a outros homens.

— Claro. Tenho certeza de que tentaria ao máximo, mas não se empolgue. Ir para Marrocos está tão longe dos meus planos quanto ir para a lua.

— Nunca se deve duvidar do destino — aconselhou ele com um sorriso insinuante. — Pode ser que nos encontremos de novo mais cedo do que você imagina.

Algo no modo como ele disse aquilo a fez desviar os olhos rio mesmo instante. Ficaria grudada em Damien feito cola de agora em diante. Se seu noivo estivesse em alguma reunião particular com clientes, ela ficaria esperando do lado de fora da sala até ele aparecer.

— Vou entrar agora — anunciou com firmeza.

Kassim aproximou-se, tirando o paletó dos ombros dela.

— Não creio que Damien tenha noção do quanto tem sorte, Jane. Quando eu e você voltarmos a nos encontrar, não terá para onde fugir. Estaremos sozinhos. Então veremos que tipo de mulher se esconde por baixo dessa concha.

Segurando-a com gentileza pelo braço, conduziu-a de volta para o salão.

— Então, o que achou de Kassim? — inquiriu Damien quando finalmente a encontrou, minutos depois.

Jane passou a mão pelo braço do noivo, olhando Kassim se afastar até desaparecer em meio às pessoas.

— Eu... eu não sei — balbuciou ela. — Ele é um pouco ousado em certas coisas. Ainda estou tentando recuperar o fôlego, para dizer a verdade.

Damien riu.

— Então ele lhe deu uma cantada? Não é de admirar. Foi uma maneira de elogiá-la. Sabe como são esses tipos mediterrâneos de sangue quente.

— Eu não sabia, mas agora sei.

Damien não pareceu interessado em continuar o assunto. Quando ele fez menção de levá-la em direção ao bar, Jane o deteve.

— Não quero beber mais nada, querido. Acho melhor voltar para casa.

Damien lançou-lhe um olhar surpreso e consultou o relógio.

— Ainda é cedo. Terei de falar com outro cliente dentro de meia hora.

Jane forçou um sorriso.

— Não se preocupe comigo, querido. Sei o quanto seus clientes são importantes para você. Fique que eu irei embora de táxi.

— Imagine! — ele indignou-se. — Fique aqui enquanto vou pegar seu casaco.

Jane segurou o braço dele.

— Vai me fazer sentir culpada. O problema é que estou com um pouco de dor de cabeça. Fique e aproveite a festa.

Damien franziu o cenho.

— Não estou aqui para me divertir, Jane. Detesto essas malditas festas, se quer saber a verdade. Só que o meu trabalho exige que eu compareça a elas. Acordos realmente importantes não costumam ser fechados em escritórios...

Jane sorriu, demonstrando compreensão.

— Eu sei, eu sei. São feitos em coquetéis e festas como essa. Só que nunca vai ficar rico se continuar aqui, conversando comigo. Agora, apenas chame um táxi por telefone enquanto subo para pegar meu casaco.

Damien hesitou um instante, então beijou-a no rosto.

— Você é mesmo muito especial, Jane.

Meia hora depois, ela estava de volta à paz e quietude de seu apartamento. Após um banho quente, vestiu um roupão felpudo e sentou-se diante do aquecedor elétrico com um copo de leite na mão.

Aquele encontro com Kassim a deixara tensa. Quando o telefone tocou de repente, ela quase pulou da poltrona, aturdida.

— Oi. Como está a dor de cabeça?

Jane respirou aliviada ao reconhecer a voz de Damien.

— Tomei duas aspirinas — respondeu ela, distinguindo o vozerio ao fundo. — Encontrou-se com seu cliente?

— Sim. Estou saindo agora. — Ele hesitou um instante.

— Quer que eu passe por aí? Posso encher sua bolsa de água quente, ir buscar seu ursinho...

Jane sorriu consigo. Damien não era um amante exigente. Ambos se satisfaziam com o sexo, mas respeitavam as limitações um do outro. Talvez fosse uma terapia que ela estivesse precisando agora.

— Bem, parece uma idéia maravilhosa, querido — respondeu. — Porém, estou realmente cansada. Não quero acabar dormindo no meio de... você sabe o quê.

— Sim... Isso, de fato, afetaria meu orgulho. Nesse caso, é melhor não arriscar.

— Que tal amanhã? — Jane sugeriu tentando animá-lo. — Podemos ficar aqui em casa e eu farei o jantar, tomaremos vinho...

— Desculpe, querida, mas não poderei ir. Terei de sair logo cedo. Viajarei para o norte e ficarei por lá durante alguns dias a negócios. Voltarei no sábado.

Jane foi tomada por uma onda de tristeza. Tudo parecia estar dando errado. Primeiro aquele ousado estranho com voz aveludada, e agora a perspectiva de passar o resto da semana sozinha.

Damien voltou a falar, cautelosamente otimista:

— Pensei se não seria uma boa idéia você ir para o chalé, em Kent. Poderia descansar um pouco. Poderei ir direto para lá me encontrar com você, no sábado. Então passaremos a semana seguinte juntos.

Jane animou-se no mesmo instante:

— Oh, mas que idéia maravilhosa! Arrumarei a mala e partirei depois de amanhã.

Falaram-se durante mais alguns minutos e desligaram. Depois de tomar o leite, Jane foi até a janela e olhou para a rua. Satisfeita em ver que não havia nem sinal de alguém parecido com Kassim Riffik por perto, fechou a cortina, passou o trinco de segurança na porta e foi para a cama.

Tudo bem, disse a si mesma, talvez estivesse sendo infantil, mas não havia por que correr riscos desnecessários.

Capítulo II

Pela manhã, durante o desjejum, Jane decidiu viajar para o chalé nesse mesmo dia.

Não havia por que ficar ali sozinha, sem nada para fazer. Se viajasse logo, poderia fazer uma boa limpeza no chalé e talvez até mudar um pouco a decoração, antes de Damien chegar.

Mas primeiro teria de comparecer ao almoço que marcara com Sally. Não estava com muita vontade de ir, mas não gostava de adiar compromissos. Não que tivesse algo contra Sally. As duas eram grandes amigas, além de terem sido sócias nos negócios, no passado. Porém, o passado era uma época que ela estava tentando esquecer e um encontro com Sally serviria apenas para desenterrar culpas e ressentimentos.

Vestiu seu tailleur preferido de linho cor-de-creme e arrumou a mala. Deixou a bagagem no carro. Sabendo da dificuldade de tentar encontrar uma vaga para estacionar em West End, deixou o carro na garagem e foi pegar um táxi.

O bar e churrascaria Red Candle fora o preferido das duas nos velhos tempos. O local não mudara muito, segundo Jane notou. Nem Sally. Sua amiga continuava com a mesma energia de sempre, além dos cabelos negros, cacheados, e grandes óculos de armação

acrílica cor-de-rosa. Trajava calça e blazer cinza-claros. Olhou para Jane com expressão de surpresa e leve aborrecimento ao mesmo tempo.

— Qual o problema, afinal? — indagou ela quando Jane sentou à mesa. — Estou com alguma doença contagiosa e não sei? Telefonei quatro vezes na semana passada e em todas elas você disse que estava ocupada. Somos velhas amigas, certo? E velhas amigas nunca estão ocupadas demais para conversar ou almoçar de vez em quando.

Jane abaixou a vista.

— Desculpe. As coisas andaram meio tumultuadas ultimamente.

— Hmm... Intensa vida social, hein?

Jane sabia que não adiantava mentir para a amiga. Sally era percéptiva demais.

— Vou pedir o prato do dia — anunciou ela.

— Eu também — Jane anuiu. — Espero que a comida daqui continue boa como antes.

— Continua sim. — Sally fez o pedido a um garçom. Em seguida, dirigiu-se a Jane: — Não vai me perguntar como andam os negócios?

Jane riu.

— Claro. Como estão as coisas?

— Humf! — Sally fungou. — Gostaria que não tivesse perguntado, mas já que perguntou, vou lhe dizer: estou na ponta dos pés e a água já está no meu queixo. — Suspirou, dando de ombros. — Essa maldita recessão está difícil para todos. Eu nem deveria estar reclamando. Pelo menos ainda posso comer aqui. — Ela riu. — Lembra de quando costumávamos comer naquela espelunca, em Camden?

Jane assentiu, tomada por uma onda de nostalgia. Camden, na parte norte de Londres. Fora lá que tudo começara...

As duas haviam se conhecido enquanto perambulavam pelas butikues da rua do mercado. Bastou um olhar para sentirem afinidade uma pela outra. Enquanto comiam hambúrguer e tomavam café, discutiram a falta do opções de produtos nas butikues e resolveram iniciar um negócio por conta própria. Reuniram capital e abriram uma loja especializada em roupas, jóias e acessórios incomuns. Dentro de dois anos, tornaram-se donas de uma cadeia de butikues em Londres.

Naquela época, Jane era tão ambiciosa quanto Sally. As duas galgaram o caminho do sucesso através de um mundo hostil, repleto de relutantes gerentes de bancos e competidores cruéis.

No caso de Jane, pelo menos, a recompensa real não fora o dinheiro, mas a sensação de independência e competência. Para desespero de seus pais conservadores, ela sempre se rebelara contra a idéia de que o mundo dos negócios pertencia aos homens e o papel da mulher era ser apenas uma boa doméstica.

Haviam ficado orgulhosos por seu sucesso, claro, mas Jane nunca deixara de perceber um desapontamento implícito. Eles queriam netos, entretanto a filha única estava mais preocupada em uma carreira do que na maternidade. Não tinha nem sequer um namorado! Pelo menos não um com quem tivesse um compromisso sério.

Fora mais por culpa do que generosidade que ela enviara os dois para passar um mês na Flórida, com todas as despesas pagas. E eles haviam aceitado provavelmente para não magoá-la.

Jane os levara até Heathrow, abraçara os dois, dissera para se divertirem e não esquecerem de dar notícias. Depois ficara observando o avião partir...

— Quero que volte a ser minha sócia.

A voz de Sally interrompeu-lhe os pensamentos.

— O quê?

— Quero que volte a ser minha sócia — Sally repetiu, impaciente. — Podemos fechar o acordo agora mesmo. E então, o que me diz? Formamos uma bela dupla no passado. Não fará nenhum mal repetirmos a dose.

O garçom chegou com a comida e Jane respirou aliviada.

— Vamos comer primeiro para eu ter tempo de pensar no assunto — respondeu.

Retomar a carreira era a última coisa que Jane desejava, todavia detestava a idéia de deixar Sally triste.

Fora a intuição de que algo assim aconteceria que a fizera relutar tanto em comparecer ao almoço.

Respeitando seu pedido, Sally só voltou a tocar no assunto quando já tomavam café.

— E então, pensou a respeito? Temos ou não um trato?

— Gostaria de poder ajudá-la, Sally, se estiver passando por alguma dificuldade financeira. É só dizer.

Sally olhou-a com evidente frustração. Então, com seu costumeiro modo despachado, foi direto ao assunto:

— Não foi por isso que marquei esse encontro, Jane. Você é quem precisa de ajuda, não eu. Já se passou um ano desde... desde aquele terrível acidente. Já devia ter superado o problema. Não pode deixar que isso afete toda sua vida.

— Eu... eu não sei sobre o que você está falando — Jane balbuciou.

— Claro que sabe! — Sally irritou-se. — Vive se culpando e isso é besteira. Estou lhe oferecendo a chance de agarrar a vida novamente. Não quero dizer que será fácil, mas valerá a pena tentar. Pelo menos estando ocupada não terá tempo para ficar se lamentando.

Jane ouviu tudo em silêncio. Por fim, seus lábios curvaram-se num sorriso:

— Sally, você é uma amiga maravilhosa. Porém, não precisa se preocupar comigo. Na verdade, vou me casar em breve.

Sally arregalou os olhos, boquiaberta de espanto.

— Jane! Isso é incrível! — Inclinou-se sobre a mesa, mal contendo a alegria. — Tem que me falar sobre ele. Aposto que deve ser um homem estonteante! Qual o nome dele? É rico? Não que isso importe, mas ajuda. Onde o conheceu?

Jane riu.

— Calma! Uma pergunta de cada vez. Primeiro, o nome dele é Damien. É alto, tem cabelos castanhos e olhos cinza. Trabalha por conta própria. É consultor financeiro e o conheci há seis meses.

— Seis meses?! E manteve isso em segredo durante Todo esse tempo? Por que não me contou?

— Primeiro queria ter certeza dos meus sentimentos por ele. De qualquer modo, quero que seja minha marinha de casamento. Aceita?

— Tente me impedir e verá! — Sally brincou. — Quando será o casamento?

— Bem, na verdade ainda não marcamos uma data exata — Jane confessou. — Damien está muito ocupado no momento.

Sally arqueou um pouco as sobrancelhas.

— Entendo. Quer dizer que ele vai se casar com você quando arrumar tempo? — Balançou a cabeça com desaprovação e tomou outro gole de café. — Desculpe, eu não deveria ter dito isso. Pelo menos parece que ele é um homem bem-sucedido. — Sorriu com animação. — E então, quando poderei conhecê-lo? Apenas fale-me a hora, e o local. Desenterrarei algum de meus antigos namorados e sairemos os quatro. Iremos jantar, depois dançar um pouco.

— Eu gostaria muito que você o conhecesse, Sally. Ficarei fora da cidade durante alguns dias, mas logo voltarei e...

Ela interrompeu-se de repente, empalidecendo ao olhar na direção do bar.

Sally olhou-a com preocupação.

— O que foi? Está passando mal?

O homem no bar estava de costas para elas, mas era alto, esguio e tinha cabelos negros como a noite... Ele virou de lado para

cumprimentar um amigo e Jane suspirou, aliviada.

— Não é nada — respondeu. — Pensei ter visto alguém que conheci ontem em uma festa.

Sally virou-se na cadeira.

— Refere-se àquele homem de cabelos negros, no bar?

— Sim, mas eu me enganei.

Isso era ridículo, Jane repreendeu-se. Estava agindo como idiota.

As chances de cruzar novamente com Kassim Riffik eram quase nulas. Provavelmente ele já voltara para Marrocos, lugar de onde nunca deveria ter saído.

— E o que o homem dessa festa fez para assustá-la? — questionou Sally, ansiosa por uma fofoca. — E não diga que nada aconteceu. Um momento atrás, você parecia estar diante de um fantasma.

— Foi coisa da minha imaginação.

Antes que a amiga pudesse questioná-la mais, Jane fez um sinal para o garçom e pediu a conta.

— A conta é minha — avisou a Sally. — E não discuta.

A primeira boutique que as duas haviam aberto chamava-se O Olho do Gato. Ficava há poucos minutos do restaurante e Sally insistiu em levar Jane até lá para ver seu mais novo estoque. A gerente aproveitou a chance para ir ao banco. Jane tomou o lugar dela atrás do balcão, experimentando uma familiar excitação.

Estava examinando o balcão com um olho profissional quando uma cliente entrou na boutique. Pareceu-lhe a coisa mais natural do mundo utilizar suas técnicas de venda. Dez minutos depois, a mulher saiu não apenas com um par de brincos, mas também com um bracelete e um colar.

— Não perdeu o jeito — Sally comentou com aprovação. — E você gostou de realizar a venda. Vamos, admita! Sente-se em casa atrás desse balcão, não é?

Jane olhou em volta com ar pesaroso e fez que não.

— Minha cabeça está feita, Sally. Vou me casar.

— Sim — Sally deu de ombros — foi o que me disse. Mas se as coisas não derem certo... Bem, saberá onde me encontrar.

Passava um pouco das cinco da tarde quando Jane chegou no chalé, em Kent.

No caminho, parara no supermercado, em Ashford, e enchera o carro com mantimentos suficientes para quinze dias.

Isolado e escondido entre colinas, o chalé era o lugar para quem quisesse fugir do mundo. Havia pertencido aos pais dela e Jane passara muitos momentos de sua infância ali naquele lugar.

Poucas semanas depois do funeral de seus pais, ela até ali com a intenção de passar alguns dias sozinha. No entanto, as lembranças que o lugar evocava eram tão dolorosas que ela voltou para Londres logo depois da primeira noite.

Chegara a pensar em vender o chalé, mas logo conhecera Damien e ele a fizera mudar de idéia. Segundo Damien, o chalé era um ótimo investimento e embora o mercado para esse tipo de propriedade estivesse decaído no momento, poderia voltar a ficar em alta a qualquer momento.

O lugar estava cheirando a mofo depois de ter ficado fechado durante tanto tempo. Jane

logo acendeu a lareira e pegou uma garrafa de vinho tinto e um copo. Em seguida, foi para a cozinha preparar um jantar leve. As lembranças já não pareciam tão ruins agora. Estava aprendendo a conviver com elas.

O dia seguinte amanheceu quente e ensolarado. Depois abriu todas as portas e janelas, Jane limpou cada um dos cômodos. À noite, estava cansada e com o corpo todo dolorido, mas satisfeita com o resultado da arrumação. Presenteou-se com um demorado banho de imersão.

Depois relaxou diante da lareira com um copo de vinho na mão. Fora bom seguir o conselho de Damien e manter o chalé. Quando estivessem casados, esse seria o lugar ideal para descansarem. A casa mais próxima ficava a um quilômetro de distância, por isso não havia vizinhos barulhentos para perturbar a paz e tranquilidade do lugar.

Um súbito ruído vindo de fora chamou sua atenção e a fez ir até a janela. Espiou através da escuridão, mas não viu nada. Abriu a porta da frente e disse, nervosa:

— Quem está aí?

Não houve nenhuma resposta e Jane apurou mais os ouvidos. Distinguiu um barulho de asas vindo da esquerda e o pio de uma coruja. O rio que passava na parte de trás do chalé corria tranqüilamente.

Jane ficou diante da porta durante mais algum tempo. Mordeu o lábio, ainda apreensiva. Fechou a porta, certificando-se de que a trava estava bem segura.

Servindo-se de mais um pouco de vinho, sentou-se diante da lareira, dizendo a si mesma para não ser tão covarde. Provavelmente não fora nada além de uma raposa ou algo do gênero. A culpa era toda daquele homem que mexera com seus nervos, falando de corsários que raptavam mulheres em suas camas. Bem, havia poucas chances de um barco atravessar o mar e ir parar naquele riozinho atrás do chalé.

De fato, não tinha nada a temer daquele homem. Damien tinha razão, Kassim Riffik era do tipo mediterrâneo de sangue quente. Tentar conquistar mulheres estranhas era um modo de vida para homens como ele, tão natural quanto comer e beber.

Seus pensamentos voltaram-se para Damien. Ela teria de ser firme e obrigá-lo a marcar uma data para o casamento. Sentira-se embaraçada quando tivera que dar aquela desculpa ridícula para Sally. Afinal, levava apenas meia hora para ocorrer um casamento em um cartório. Se Damien teria tempo para passar uma semana ali com ela, por certo também teria disponibilidade para uma cerimônia de meia hora.

O calor da lareira unido ao efeito do vinho deixaram-na sonolenta. A coisa mais sensata a fazer seria ir para a cama, mas ela estava numa posição tão confortável que seus olhos começaram a fechar lentamente. Seu último pensamento antes de adormecer foi que deveria ter verificado os trincos das janelas.

O fogo da lareira diminuía, mas o aposento continuava quente quando Jane abriu os olhos. Sentiu uma picada estranha no braço, mas ignorou a sensação ao levantar a vista, deparando-se com alguém debruçado sobre ela.

— Olá, Jane. Como está se sentindo?

O rosto dele estava meio encoberto pela penumbra, mas não havia como confundir aqueles olhos azuis.

— Eu sabia que ia sonhar com você — murmurou ela, sonolenta.

— Eu não disse que voltaríamos a nos encontrar?

— Sim. Por isso estou sonhando com você.

— Pode ficar de pé?

— Claro que posso — respondeu ela.

Esforçou-se para levantar, mas cambaleou.

— Hmm, acho melhor carregá-la — ele avisou.

Jane sorriu.

— Vá em frente.

Ele levantou-a com facilidade e ela enlaçou os braços em torno do pescoço dele.

— Aposto que vai me levar para o quarto agora.

Os lábios dele estavam próximos dos dela, mas Jane não se importou. Afinal, esse era seu sonho e nele ela poderia fazer o que bem quisesse.

— Quer que eu a leve para a cama?

— Eu não me importo — respondeu ela, o olhar fixo nos lábios dele. — Depois de tudo que me disse naquela festa, seria até interessante descobrir se você é mesmo bom quanto acredita.

Ele sorriu.

— Não temos tempo agora. Esse prazer terá de ser adiado para depois.

Jane franziu o cenho. Seu sonho estava sendo desapontador.

— Depois pode ser tarde demais — protestou. — Posso acordar a qualquer minuto.

— E se você acordar, com certeza me esbofeteará e mandará que eu a coloque no chão? — indagou ele com um toque de ironia.

Jane pensou um instante e assentiu.

— Sim. Eu teria de fazer isso, não? Quer dizer, em breve vou me casar com Damien. Seria traição.

Os lábios dele continuavam próximos e ela queria desesperadamente senti-los junto aos seus.

Seus olhos voltaram a pesar. Aos poucos o sonho foi ficando enevoado até se transformar em uma agradável escuridão.

Alguém balançou seu ombro com gentileza e Jane murmurou, sonolenta:

— Vá embora. Estou cansada.

O balanço persistiu e uma mulher com sotaque francês disse:

— Aterrissaremos em breve. Eu lhe trouxe um pouco de chá. Beba e se sentirá melhor.

Jane abriu os olhos com cautela e perscrutou o ambiente. Outro sonho. Estava sentada em uma poltrona confortável, ao lado de uma pequena janela. Olhou para fora. Puxa, era uma mudança e tanto de perspectiva! Nunca sonhara estar dentro de um avião antes.

— Por favor... Tome seu chá.

A moça sorria para ela. Uma bonita aeromoça trajando uniforme cinza. Uma porta mais adiante foi aberta e Kassim apareceu. Ele pegou a xícara da mão da aeromoça e esperou até que ela se retirasse.

— Prove, Jane — disse ele. — Tenho certeza de que vai gostar.

Ela arregalou os olhos, demonstrando os primeiros sinais de pânico. Isso não era um sonho! Estava até sentindo o cheiro do chá! Olhando para Kassim, incrédula, exclamou:

— Você... você me seqüestrou!

Um brilho de divertimento surgiu nos olhos azuis.

— Sim... Creio que deve estar parecendo isso para você. — Estendeu a xícara para ela. — Quer o chá ou não?

— Você me seqüestrou! — repetiu ela num tom incrédulo. — Foi ao chalé ontem à noite! Eu... eu pensei que estivesse sonhando.

— Deve ter sido o efeito da droga — Kassim asseverou com calma.

— Você me drogou?

Jane ficou de pé no mesmo instante e derrubou a xícara da mão dele. Kassim olhou para os cacos de porcelana e balançou a cabeça.

—Tst, tst. Não sabia que mulheres inglesas eram tão temperamentais. Pensei que somente as intempestivas italianas fizessem coisas assim. — Fitou-a e deu de ombros, como que se desculpando. —Apenas apliquei um sedativo...

— Você aplicou algo no meu braço! Agora lembro da sensação.

— Como eu estava dizendo, um sedativo que não oferece nenhum perigo à saúde. O

mesmo medicamento que dão para os pacientes poucas horas antes de uma operação. Serve apenas para relaxar e tranqüilizar os nervos.

— Então agora também virou médico? — Jane ironizou.

— Estudei medicina em Paris durante cinco anos — Kassim informou-a num tom casual e acrescentou: — De qualquer modo, era imprescindível que eu a trouxesse para um lugar seguro antes que a polícia chegasse. — Sorriu ao ver o ar de incredulidade no rosto dela. — Fui informado no último instante por... certos amigos de que os policiais do Esquadrão Antidrogas apareceriam no chalé às cinco horas da manhã.

Jane fungou, impaciente.

— Se essa é a melhor desculpa que você conseguiu arrumar...

— Damien lida com cocaína — ele afirmou. — Existe muita droga escondida em algum lugar do seu chalé.

Jane fitou-o num silêncio furioso, então explodiu:

— Nunca ouvi uma besteira maior em toda minha vida! Não acredito em nenhuma palavra! Está inventando tudo isso!

— Foi exatamente por isso que tive de sedá-la — Kassim salientou. — Não havia tempo de discutir com você ou vasculhar o chalé para procurar a droga antes que a polícia chegasse. Não tenho dúvida de que conseguiria provar sua inocência, mas antes teria de passar alguns desagradáveis dias detida. Lamento ter sido obrigado a utilizar tais métodos, mas não tive outra alternativa.

— Oh, você vai se arrepender de tudo isso! Assalto, seqüestro e... e acusações graves contra um homem inocente. Assim que aterrissarmos, irei denunciá-lo às autoridades! Vai passar o resto da vida na prisão!

Kassim curvou os lábios com ironia.

— Lamento desfazer suas esperanças. Quando chegarmos ao nosso destino, descobrirá que sou a única autoridade por lá. — Estudou o rosto dela com atenção. — Todavia, se me entregar seu protesto por escrito, tentarei fazer o que estiver ao meu alcance.

Jane sentou novamente, sem deixar de olhá-lo. Há muito tempo não sentia-se tão perdida. Coisas assim não aconteciam mais atualmente! Pelo menos, não na Inglaterra. Deus, não ficara segura nem em sua própria casa!

De súbito, ficou de pé e se encaminhou até a porta. Kassim segurou-a pelo braço.

— Onde pensa que vai?

— Ver o piloto. Contarei a ele o que aconteceu e exigirei que me leve para casa imediatamente.

Kassim sorriu.

— Fica ainda mais linda quando está brava. Uma espécie de chama surge em seus olhos.

— Deixe-me passar! — Jane mandou, furiosa.

Kassim abaixou o braço e deu de ombros.

— Vá em frente. Porém, será pura perda de tempo. Esse avião é meu e o piloto só obedece às minhas ordens.

— Seu avião?!

— Isso mesmo. Não quer voltar a sentar para que a "minha" aeromoça lhe traga outra bebida?

Jane afundou na cadeira e olhou-o, embaraçada. Estava começando a lembrar das coisas que dissera na noite anterior, quando pensara estar sonhando.

— O que aconteceu depois que eu "apaguei" ontem? — perguntou a ele.

Kassim pediu outra xícara de chá à aeromoça, antes de responder:

— Eu a carreguei para fora, coloquei-a no carro, levei-a para um campo de pouso particular e a trouxe para bordo do avião.

— E isso foi tudo que aconteceu?

Kassim estreitou o olhar.

— Espero que não esteja sugerindo que tirei vantagem da sua situação?

— Por que não? — replicou Jane. — Fez todo o resto. Não seria de admirar se também houvesse feito isso.— Olhou-o com ressentimento. — Disse que estudou medicina e que é dono desse avião. Isso significa que é um homem inteligente, no mínimo. Se essa é a verdade, pode me dizer por que está fazendo algo tão idiota? Tenho uma boa idéia do que você tem em mente, mas não será nem um pouco sensato.

Kassim arqueou as sobrancelhas com ar de zombaria.

— Não tenha tanta certeza. Lembro da conversa que tivemos durante a festa. Disse que não tinha nada contra mim como pessoa e que, de fato, considerava-me até atraente.

Jane sentiu a boca secar.

— Também o chamei de egocêntrico, lembra? Sem dúvida, afirmação do ano, agora que o estou conhecendo melhor.

— Tenho muitos defeitos — Kassim admitiu. — Todavia, aprenderá a entendê-los com o tempo. Depois das insinuações que me fez na noite passada, tenho toda confiança em um relacionamento futuro. Eu e você, Jane, daremos um ao outro prazeres excêntricos e eternos.

— Então não significa nada para você o fato de eu estar apaixonada por outro homem?

Ele riu com enervante confiança.

— Pode ter intenção de se casar com Damien, mas duvido que algum dia tenha se apaixonado por ele.

Jane estava prestes a retrucar com fúria quando a aeromoça apareceu, interrompendo-a. Aceitou a xícara que lhe foi entregue. Ciente

do olhar de Kassim, provou um gole do chá e olhou através da janela. Lá embaixo, uma bela praia enchia a vista de beleza.

— Importa-se de me dizer onde estamos?
— perguntou a ele.

— Na lua — Kassim zombou, lembrando o comentário irônico que ela fizera na festa. Satisfeito em marcar mais um ponto, prosseguiu: — O que está vendo lá embaixo é o Oceano Atlântico e a costa sudoeste de Marrocos.

Jane ficou em silêncio durante algum tempo. Kassim ocupou a poltrona ao lado da dela. Pensamentos tumultuados dominavam a mente dela e quanto mais ela tentava ignorá-los, mais persistentes eles se tornavam. Sem dúvida, saberia a verdade em breve. Entretanto, o problema imediato era como lidaria com essa situação.

Contraiu o músculo da perna ao sentir a mão de Kassim sobre sua coxa.

— Não se sinta desencorajada pela vista, Jane — sussurrou ele com seu costumeiro tom de sedução. — Irei lhe oferecer muito mais do que isso. Logo se sentirá em um pequeno pedaço do paraíso.

Acariciou a perna dela, mas em vez de detê-lo, Jane disse:

— Pouco me importa como seja esse lugar. Não pode me manter aqui contra a minha vontade.

— Não será preciso — murmurou ele ao seu ouvido. — Depois de beber no meu poço, a água de nenhum outro lugar irá saciá-la mais, Jane. Ficarà comigo porque se tornará prisioneira de seus próprios desejos.

Jane engoliu seco.

— Todos os homens marroquinos são tão convencidos quanto você? Se forem, tenho pena das mulheres que têm de agüentar isso todo o tempo.

— Não sou convencido, minha pequena rosa inglesa. Apenas confiante no conhecimento de que somos experts na arte do prazer físico. Em nossa cultura, é dever do homem interpretar e satisfazer todos os desejos de uma mulher. — Acariciou a perna de Jane mais uma vez. — Não há nada que eu deseje mais do que lhe demonstrar isso nesse momento. Também tenho um desejo que arde dentro de mim, porém devo mantê-lo sob controle por enquanto.

Deslizou a mão sensualmente pelo ventre de Jane, fazendo-a conter a respiração. Kassim pegou o cinto de segurança e entregou a ela com um sorriso charmoso.

— Aterrissaremos em breve. Melhor se preparar.

Capítulo III

Aos poucos o avião desviou para a esquerda, dando a Jane uma bela visão do cenário abaixo. Em cima de uma montanha de rochedos, distinguia-se as ruínas de um antigo forte. Essa lembrança de um passado violento

ficava diante de um porto apinhado de barcos coloridos de pescaria.

Atrás das ruínas, via-se a cidade. Um desorganizado amontoado de prédios brancos e ruas estreitas. Um pouco além da cidade, à margem de um rio, era possível ver árvores frutíferas e palmeiras. Na parte mais baixa do rio, um grupo de mulheres lavava roupa sobre as pedras.

O "aeroporto" não era nada mais do que uma pista de terra, a cerca de um quilômetro e meio da cidade. O avião aterrissou em meio a uma nuvem de poeira, parando próximo a uma espécie de cabana.

Kassim abriu o cinto de segurança e ajudou Jane a ficar de pé. A aeromoça abriu a porta do avião, fazendo Jane avistar nuvens de calor circulando pelo ar.

O motorista da limusine já os esperava com a porta aberta. Ciente de que não adiantaria protestar, Jane sentou ao lado de Kassim e permaneceu em silêncio. Talvez a melhor maneira de lidar com ele fosse tratá-lo com total indiferença, ignorando um mundo do qual ela não fazia parte. Ninguém conseguia

suportar isso por muito tempo. Ainda mais um homem com o ego como o de Kassim.

Flagrou-se pensando se seria possível ignorar um homem que era capaz de enxergar sua alma com um olhar e cujo simples toque era suficiente para enviar chamas de desejo por todo seu corpo. Bem, sabia que mais cedo mais tarde acabaria descobrindo.

O carro aproximou-se da cidade em meio a uma nuvem de poeira vermelha. Diminuiu a velocidade ao se deparar com um outro tipo de tráfego, o de homens vestidos com túnicas montados em camelos. Também havia circulação de burros carregando balaies, além de pequenos rebanhos de ovelhas e cabras. Aos poucos as ruas foram ficando vez mais estreitas até restar apenas o espaço de um carro.

Mesmo com os vidros fechados, Jane conseguia ouvir a barulheira lá fora. Acima do ruído incômodo de centenas de rádios transistores, comerciantes gritavam propagandas das mercadorias enquanto os fregueses questionavam os preços. Mulheres carregando sacolas e crianças presas às costas circulavam entre as ruas do mercado.

Mais adiante a rua voltou a se alargar. Bem diante dela, Jane avistou as ruínas do forte, como que impondo-se acima da cidade.

De súbito, o motorista virou o carro para a esquerda e parou diante de um imponente portão de ferro. Depois de uma buzinação, o portão foi aberto automaticamente e a limusine seguiu adiante, por uma trilha cercada por um amplo jardim.

Jane saiu do carro com relutância, observando o cenário em volta. Os muros eram altos e ao ouvir o pesado portão ser fechado, mordeu o lábio. A sensação de estar sendo presa em uma armadilha para ficar à mercê dos desejos de Kassim provocou-lhe um frio na espinha.

Segurando-a com firmeza pelo braço, Kassim conduziu-a por uma fonte ornamental e lindas flores até alcançarem uma outra porta. Abriu-a com um gesto cortês e fez um sinal para ela entrar. Apesar da decisão de se manter indiferente, Jane não conseguiu disfarçar o espanto. Entraram em uma espécie de jardim interno, com pilares forrados de trepadeiras ornamentais e flores por todo lado, criando um colorido fantástico. Dálias, giras-

sóis, gerânios... Bem no centro destacava-se uma piscina toda feita com mármore verde-água.

Ao final do aposento, um arco de madeira conduzia ao interior da casa. Jane olhou em volta, impressionada com a elegância da decoração, onde predominavam tapetes caríssimos e móveis de mogno em estilo francês. Um perfume de madeira recendia pelo ar.

Kassim tirou o paletó, jogando-o com descuido sobre uma cadeira.

— Esse é o final da nossa jornada, Jane. Acha que ficará confortável aqui?

Ela tentou ao máximo ignorá-lo, mas foi forçada a as-sentir diante do olhar insistente de Kassim. Os olhos dele brilharam com divertimento.

— O que aconteceu? Perdeu a língua? Ah, bem, é compreensível — ele mesmo respondeu, olhando em volta. — C'est magnifique, n'est-ce pás?

Sem dúvida que era magnífico, pensou Jane sem responder em voz alta.

Kassim pegou-a novamente pelo braço.

— Venha, quero lhe mostrar o resto da casa.

Uma escada de mármore conduzia ao andar de cima. Kassim abriu uma outra porta e a convidou para entrar. Ele abriu as cortinas, revelando sacadas com vista para o jardim de onde haviam acabado de sair.

— Esse será nosso quarto — anunciou em seguida.

— O que diabos quer dizer com "nosso" quarto? — Jane enfureceu-se.

— O que foi? A cama não é grande o suficiente? — Kassim questionou arqueando as sobrancelhas com ironia. Lançou um olhar de dúvida para a cama. — Talvez tenha razão. Em meio aos enlevos de paixão, pode ser que acabemos no chão. Mandarei mudá-la imediatamente.

— Não vou dormir com você coisa nenhuma! — bradou ela. — Se terei de ficar encarcerada nessa espécie de cenário de Hollywood, exijo um quarto só para mim.

— Tenho certeza de que posso convencê-la a mudar de idéia. Apenas pense em todo prazer que estará perdendo.

Jane cruzou os braços e o encarou, séria.

— Hmm... — murmurou Kassim. — Sua pele adquiriu aquele belo tom rubro novamente. Somente seu rosto fica assim ou o restante do corpo também? Gostaria de poder satisfazer minha curiosidade... — Ergueu a mão e a chamou com o dedo. — Venha cá, minha pequena rosa inglesa.

— Pare de me chamar assim — Jane protestou. — Não sou sua pequena coisa nenhuma!

Kassim sorriu.

— Não existe motivo para adiarmos o inevitável. Está apenas dificultando as coisas.

— Ótimo! Pretendo dificultar as coisas o máximo possível, até que desista dessa tolice e me deixe ir embora.

Kassim abriu os braços, demonstrando surpresa.

— Mas essa é sua casa, de agora em diante. O que você tem na Inglaterra, para dispensar todo esse luxo e conforto?

— Controle da minha própria vida, por exemplo — Jane respondeu. — Liberdade para ir onde eu quiser. — Hesitou um momento, antes de acrescentar: — E o direito de não receber ordens de ninguém.

— Ter-se controle da própria vida é uma ilusão. Todos somos vítimas do destino e das circunstâncias. Temos apenas a liberdade de tentar fazer o melhor com o que nos for oferecido.

Jane suspirou, exasperada.

— Não estou interessada em ter um debate filosófico com você.

— Ótimo. Mulheres não devem mesmo se preocupar com esse tipo de coisa. Quanto à liberdade, poderá sair de casa quando quiser. Providenciarei um segurança para você. Poderá ir ao centro da cidade, à praia...

— Enquanto o segurança me vigia o tempo todo?

— Pode ser que se perca no deserto — Kassim salientou. — Com sorte, morreria de sede. Sem ela, poderia ser capturada por alguma tribo de corsários que a faria desejar ter morrido de sede.

O sorriso com o qual Kassim a olhou fez Jane lembrar de um tubarão preparando-se para o almoço.

— Por outro lado — acrescentou ele — se ficar aqui terá o que seu coração desejar.

A indignação de Jane transformou-se em aceitação resignada.

— Tudo bem — disse num fio de voz. — Seria muito pedir alguma coisa para comer? Não comi nada depois do jantar de ontem.

— Mil perdões — Kassim desculpou-se. — Esqueci de meu papel como anfitrião. — Apertou um botão para chamar um dos empregados e sorriu para Jane. — O que deseja comer?

— Bem, suco de laranja, café, torrada com geléia e dois ovos cozidos.

Kassim riu com ironia.

— Um lanche tipicamente inglês — comentou. — Prefere manter seus hábitos, em vez de se arriscar em outros novos?

— Não sei se vou gostar da comida daqui — Jane confessou. — Também preciso trocar de roupa. Só que você não me deu oportunidade de arrumar as malas, antes de me drogar.

— Mandarei providenciar roupas novas para você.

— Mas não quero aqueles trajes engraçados que vi as mulheres usando na

cidade — Jane avisou. — Prefiro jeans, se for possível.

— Determinada a não se tornar uma nativa? — Kassim zombou. — Que pena. Acho que um caftã ou haik ficaria perfeito em você.

Jane estava prestes a dizer que as roupas nativas que vira até então eram de muito mau gosto, porém notou a presença de uma moça no outro lado da sala. Era esguia e tinha belos olhos negros. Trajava um vestido azul turquesa com alguns detalhes dourados.

Sorriu com timidez para Jane e cumprimentou Kassim com um gesto de cabeça. Por um momento os dois falaram uma língua estranha. Por fim, a moça assentiu e saiu da sala, tão silenciosa quanto entrara.

— Bem, Jane, a refeição será servida à beira da piscina, dentro de meia hora — informou ele. Indicou a porta. — Pode tomar banho e se vestir ali. Kebira foi buscar algo para você vestir.

— Kebira?

— A empregada que você acabou de ver. De agora em diante, ela será sua criada particular.

Jane olhou-o com ar surpreso.

— Não quero uma criada particular. Sei muito bem cuidar de mim mesma.

— É mesmo? Não foi essa a impressão que me deu até agora. Quando é deixada por contra própria, parece viver se metendo em todo tipo de problema. Vamos lá, Jane, não é pedir demais. Como minha hóspede, é de praxe que tenha uma criada particular. Além disso, Kebira se sentirá insultada e deprimida se você a rejeitar. Para ela, é uma grande honra ter sido escolhida para ocupar uma posição tão importante na casa.

Jane revirou os olhos com impaciência, antes de dizer:

— Seqüestro e chantagem emocional. Nada mesmo o detém quando tem um objetivo, não?

Kassim deu de ombros.

— Digamos que foi um talento que herdei de meus ilustres ancestrais. Agora, sugiro que tomemos banho juntos para apreciarmos o prazer da...

— Vou tomar banho sozinha — Jane o interrompeu.

— Vá esfriar os ânimos na piscina, se quiser.

Kassim exalou um suspiro de desapontamento, então deu de ombros com ar filosófico.

— Não importa. Posso esperar. Quanto maior a fome, maior a satisfação no momento da refeição. — Os olhos azuis adquiriram um brilho insinuante. — Todavia, é desaconselhável testar minha paciência por muito tempo. Não sou homem de suportar com delicadeza qualquer afronta às minhas ambições. Essa é outra característica que herdei dos meus ancestrais.

Mesmo depois que Kassim havia saído da sala, a ameaça que ele fizera ainda pairava nos ouvidos de Jane. Num impulso, foi até o banheiro e se trancou nele.

Tudo que vira até agora na casa esbanjava luxo, e o banheiro não era exceção. A banheira era toda de mármore cor-de-rosa, grande o bastante para duas pessoas. A menos que estivesse enganada, as torneiras eram de ouro maciço. As paredes e o teto eram cobertas com exóticas cerâmicas, assim como os dois compartimentos com chuveiro. No aposento ao lado havia uma sauna e uma área de ginástica

com mais equipamentos do que uma academia normal.

Em um armário, Jane encontrou uma porção de toalhas e robes de banho. Pegando o que iria precisar, foi até um dos chuveiros e começou a se despir.

Assim que a água quente começou a escorrer por seu corpo, ela fechou os olhos, relaxando. Ensaboou-se devagar, voltando os pensamentos para Kassim. Pensamentos excitantes e perturbadores ao mesmo tempo...

Em sua imaginação, Kassim estava ali com ela, o corpo forte e másculo coberto por gotas brilhantes de água. Aos mover as mãos sobre os seios, espalhando a deliciosa essência do sabonete, imaginou que eram as mãos de Kassim que os tocavam. Fechou os olhos, inclinando a cabeça para trás, receptiva às sensações.

De súbito, porém, sua mente voltou à realidade e ela irritou-se consigo mesma. Tirou o sabão do corpo e desligou o chuveiro no mesmo instante. Droga! Era ela quem deveria estar esfriando os ânimos na piscina.

Kebira a esperava com paciência no quarto, com uma seleção de roupas arrumadas

sobre a cama. A moça sorriu assim que a viu. Jane retribuiu o sorriso.

— Sabe falar inglês, Kebira?

A moça olhou-a com ar de dúvida.

— Français? — Jane arriscou.

Outro olhar de dúvida.

— Oui, madame. Un... un peu.

— Não tem importância. Eu também só falo un peu. Creio que nos entenderemos bem por sinais.

Jane olhou para a cama, perguntando-se de onde teria vindo toda aquela coleção de lingerie. Provavelmente do harém particular de Kassim. A maioria das peças era de seda. Também havia maravilhosos vestidos e caftãs coloridos, além de blusas. Porém, nem sinal de algum jeans.

Jane acabou escolhendo uma calça preta de seda e uma blusa branca. A calça era bem folgada e amarrada nos calcanhares. A blusa exibia um bordado exótico, mas muito bonito.

Quando terminou de se vestir, olhou-se criticamente ao espelho até Kebira segurar sua mão e a fazê-la sentar diante da penteadeira. Então começou a pentear seus cabelos ruivos

até caírem em uma massa sedosa sobre seus ombros.

Kassim ocupava uma mesa próxima à piscina quando Jane se aproximou. Ficou de pé assim que a viu, fitando-a de alto a baixo com ar de aprovação. Sorriu com charme ao dizer:

— Nunca tive a honra de ver tanta beleza reunida em uma mesma mulher.

Trajava uma túnica azul-marinho que o fazia parecer ainda mais alto e atraente do que nunca.

A mesa já estava arrumada. Enquanto servia uma xícara de café para ela, ele disse:

— O cozinheiro deve estar tremendo na base nesse instante. Disse que mandaria açoitá-lo se as coisas não ficassem todas do seu gosto.

Jane olhou-o em silêncio. Kassim estava brincando, claro. Sinceramente esperava que sim, porém, ele era tão enigmático que ela não podia ter certeza de nada.

Comeram sem dialogar muito. Entretanto, enquanto comia Kassim não tirava os olhos dela.

— Está muito quieta, Jane — ele observou por fim. — Pensando algo importante?

Ela fitou-o nos olhos.

— Penso em muitas coisas importantes. Mas, no momento, meus pensamentos estão concentrados em você. E em Damien também.

— Está na hora de esquecer tudo sobre seu precioso Damien.

— Mesmo? — Jane sorveu um gole de café. — E como posso fazer isso? Simplesmente fingindo que ele nunca existiu?

— Essa é uma boa solução. Pode começar tirando esse anel do dedo.

Jane pousou a mão direita sobre o colo, como que escondendo o anel dele.

— Não sei como fez isso, mas deve ter enganado Damien de alguma maneira.

— Eu?

— É a única explicação possível. Somente ele sabia que eu estaria no chalé ontem à noite. Você deve ter dado um jeito para que ele contasse onde eu estava.

Jane esperou algum tipo de negação da parte dele, mas Kassim limitou-se a sorrir com indiferença. Muito bem... isso significava que

sua acusação era verdadeira. A última questão que restava era por quê.

— Acabará descobrindo tudo no devido tempo — ele disse.

— Quero saber agora — ela exigiu, furiosa.

Kassim tornou-se pensativo por um instante.

— Não, Jane. Isso apenas iria aborrecê-la.

— Não posso ficar mais do que você já me deixou — retrucou. — Talvez Damien o tenha derrotado em algum negócio e você resolveu se vingar roubando a noiva dele.

Kassim exalou um suspiro impaciente.

— É muito mais complicado do que isso. Será que podemos mudar de assunto? Falar sobre seu ex-noivo me aborrece.

— Mas não a mim! — Jane insistiu. — Quero saber o que está acontecendo! Agora! Exijo que...

Jane interrompeu-se, embaraçada, ao notar que no auge de seu protesto batera a xícara com força no pires e quebrara a peça talvez de valor inestimável. Olhou para Kassim totalmente sem graça.

— D-desculpe. Eu não queria...

Kassim removeu os cacos de perto da mão dela com gentileza.

— Você se cortou?

— Não. Estou bem.

— Ótimo. Isso é tudo que importa. Xícaras podem ser repostas — salientou ele. — Não se preocupe, mandarei comprar mais uma centena. A quantia deve dar até que você consiga acalmar esse seu gênio intempestivo.

— Não tenho um gênio intempestivo... — Jane refutou, mas não pôde continuar.

Kassim adiantara-se de repente e se apossara de seus lábios. A princípio o contato foi gentil, quase casto, porém aos poucos Kassim foi se tornando cada vez mais exigente, provocando-a com movimentos dos lábios e da língua.

Jane sentiu o coração acelerar quando ele forçou seus lábios a se abrirem. Isso não era certo!, disse a si mesma. No entanto, o calor em seu corpo foi mais forte do que as exigências da consciência.

Kassim mantinha uma mão nas costas de sua cadeira e a outra sobre a mesa, enquanto Jane continuava com às dela sobre o colo. A única coisa unida entre eles eram os lábios. De

certa forma, isso serviu para aumentar ainda mais o prazer erótico do contato.

A língua de Kassim continuou a explorar os doces recantos de sua boca enquanto Jane correspondia com indisfarçável satisfação.

De repente, Kassim se afastou, deixando-a trêmula e ofegante. Ele ronronou como um gato satisfeito.

— A melhor refeição que já tive. Essa noite virá o melhor, Jane. Uma noite de amor e prazer sensual como você nunca experimentou.

Jane ergueu a mão, na tentativa de afastá-lo, mas Kassim segurou seu pulso.

— O sangue já está correndo mais rápido nas suas veias e seus olhos exibem o brilho do desejo. Esse único beijo lhe ofereceu a chave do paraíso e você quer mais. Admita, minha doce rosa.

"Nem morta!", pensou Jane. Se desse qualquer demonstração de seus sentimentos, Kassim seria bem capaz de deitá-la no chão para mostrar o quanto era bom, pouco se importando com a presença dos empregados.

Por outro lado, se ela mentisse ele poderia começar a beijá-la daquele jeito entontecedor

novamente. E se isso acontecesse, ela estaria correndo o risco de perder o auto-respeito.

Como uma mulher poderia permanecer imune a um homem como Kassim? Ele parecia o príncipe das sombras e Genghis Khan reunidos em um. Aqueles olhos azuis e penetrantes pareciam capazes de ler sua alma. E isso era muito perigoso.

— Não tem outra coisa para fazer? — perguntou a ele. — Alimentar os camelos ou algo do gênero? Eu gostaria de ficar um pouco sozinha.

Kassim soltou o pulso dela e ficou de pé.

— Seu rosto está daquela cor rubra novamente — comentou com um sorriso. — Contudo, realizarei seu pedido. Relaxe e pense na sorte de estar aqui, enquanto vou verificar o andamento dos meus negócios. Se precisar de alguma coisa, é só chamar um dos empregados...

Ouviram um barulho vindo da porta. Uma mulher se aproximou deles. Trajava um vestido preto e não tinha mais do que dezoito anos. A um sinal de Kassim, ela abaixou-se aos pés dele. Beijou-lhe a túnica e lançando um olhar

de súplica, começou a falar uma porção de frases em árabe.

Jane ficou chocada com a cena e tocada com o evidente sofrimento da moça. Lançou um olhar de censura para Kassim. Provavelmente ele usara e depois desprezara a moça. Agora ela estava de volta, implorando por um trabalho na cozinha ou algo do gênero. Deveria ser isso ou algo da mesma dramaticidade.

Kassim falou sério com a moça e ela ficou de pé. Então prosseguiu num tom mais brando, começando a questioná-la enquanto ouvia atentamente as respostas. Por fim, ele chamou um dos empregados que levou a moça para o interior da casa.

Jane lançou-lhe um olhar questionador mas, antes que ela pudesse abrir a boca, Kassim sorriu para uma segunda visitante que aparecera à porta.

Capítulo IV

A mulher era esguia e elegante. Aparentava mais de cinqüenta anos. Tinha cabelos escuros com alguns fios grisalhos e olhos vivos, brilhantes. Trajava uma blusa caqui e calça preta, além de um amplo chapéu. Quando falou, Jane percebeu um sotaque irlandês em sua voz.

— Desculpe, Kassim — disse ela. — Jalila contou-me o problema e assegurei-a de que falaria com você amanhã. Mas, pelo visto, ela não teve muita paciência para esperar e decidiu resolver as coisas por conta própria.

Kassim assentiu.

— A atitude de Jalila foi compreensível. Mande-i-a para a cozinha. Será alimentada e receberá algo decente para usar. Quanto ao marido dela, aquele rascunho de ser humano, dei ordens para ele aparecer aqui às três horas da tarde de hoje. — Virou-se para Jane, deixando o assunto de lado. — Irmã Mary, quero que conheça a srta. Jane Peters, da Inglaterra. Nos conhecemos quando eu estava

em Londres e ela insistiu em vir comigo para conhecer meu magnífico país.

Jane conteve o fôlego de fúria, porém, antes que pudesse retrucar a mulher adiantou-se com entusiasmo:

— Oh, mas que prazer! Jane? Um belo nome. Minha cara, você vai se apaixonar por Marrocos como eu, há muitos anos. Se tiver algum problema ou houver algo em que eu possa ajudá-la, é só me procurar no posto de saúde ou no hospital, no centro da cidade. Poderemos conversar muito e...

Kassim, que estivera olhando Irmã Mary com genuína afeição, entreviu:

— Por que não leva Jane até a cidade e mostra alguns lugares para ela?

Sorriu para Jane, mas o desafio de contradizê-lo ficou claro no modo como ele estreitou os olhos.

— Claro! — exclamou Mary. — Será um prazer!

O primeiro pensamento que passou pela mente de Jane foi que essa seria sua chance de escapar. Se contasse à mulher as circunstâncias de sua presença ali e pedisse ajuda, com certeza Irmã Mary não se recusaria

em auxiliá-la. Tinha de haver algum consulado britânico por perto, de onde pudesse telefonar.

Será que Irmã Mary acreditaria nela? Provavelmente não, caso contrário Kassim não teria sugerido a idéia. Por outro lado, uma conversa com ela talvez fosse aproveitável. Algumas perguntas discretas sobre Kassim ajudariam-na a entendê-lo melhor.

Cinco minutos depois estava sentada em um velho jipe enquanto Irmã Mary dirigia devagar até o centro da cidade. Quando a rua começou a se tornar mais estreita, ela estacionou o jipe próximo a um muro e desligou o carro. Assim que saíram, foram cercadas por um grupo de crianças com as mãos estendidas que gritavam:

— Madame Marie! Bon bons, chocolatl

Ela afagou algumas cabeças e enfiou a mão no bolso. Tirou um saquinho com doces e começou a distribuí-los.

Por fim, as crianças se afastaram. Irmã Mary sorriu para Jane, começando a seguir em frente.

— Juro que às vezes me arrependo de ter começado com isso — confessou. — Entreguei a eles alguns doces que trouxe da França há

alguns anos e os pestinhas cobram doces de mim desde aquela época.

— Por que eles a chamam de Irmã? — Jane inquiriu com polidez. — Você não se veste como uma freira.

— Eu era freira — explicou ela. — Deixei a ordem há dez anos, mas o título permaneceu. As pessoas se acostumaram a me chamar assim. Trabalho para o governo agora. Departamento Médico e Social. Administro a clínica da cidade.

— Quem era aquela garota que apareceu de repente para falar com Kassim? — indagou num tom casual. — Parecia muito perturbada por algum motivo.

Irmã Mary suspirou, balançando a cabeça.

— Sim. Jalila acabou de ser repudiada pelo marido. Procurou-me para pedir ajuda, não sei por quê. Não há nada que eu possa fazer para auxiliá-la. Eu disse a ela que iria pedir conselhos a Kassim. De qualquer forma, estou interessada em ver como ele lidará com a situação.

Jane olhou-a, surpresa.

— Jalila foi repudiada? O que isso significa?

— Significa que o marido se divorciou dela — Irmã Mary explicou. Então acrescentou, irritada: — Essa é a terceira esposa dele em seis anos.

Jane arqueou as sobrancelhas.

— Ele já deveria estar cansado de tribunais, não?

—Tribunais? — Mary deu um risinho irônico. — O homem não precisa abrir processo de divórcio nesse país. Quando ele quer se separar da esposa apenas diz três vezes: "Eu vos repudio". Na verdade, ele nem precisa dizer, basta escrever e não existe algo que a mulher possa fazer a respeito. Não pode recorrer em nada sobre ele porque a lei não protege as mulheres.

Jane ficou horrorizada.

— Mas isso é escandaloso! Está dizendo que ele simplesmente a colocou para fora de casa?

Mary deu de ombros.

— Na teoria ele deve sustentá-la durante alguns meses, mas geralmente isso não é levado a sério.

Jane ficou perplexa. Se era essa a maneira como se procedia em Marrocos, esse lugar

definitivamente não era para ela. Sempre se rebelara contra sociedades onde as mulheres não eram tratadas nem com o mínimo de justiça.

— Por que ele se divorciou dela?

— Pela mesma razão que das duas primeiras esposas — Mary respondeu com ar irônico. — Ela é estéril. Não pode dar nenhum filho a ele. Nesse país, um homem ser casado e não ter filhos, homens principalmente, torna-se objeto de ridicularização. — Ao notar o ar de espanto no rosto de Jane, acrescentou: — Mas não entenda mal, querida. Nem todos os homens marroquinos são como ele. Há muitos homens nobres e decentes, como o caid.

— Quem é o caid?

— É o chefe tribal. Kassim é o chefe dessa tribo e da cidade.

Ficou óbvio que Mary tinha uma grande estima por Kassim.

— Então ele é uma espécie de prefeito?

Mary riu.

— Pode-se dizer que sim. Só que Kassim não precisou de votos para subir ao poder. Ele vem de uma família com muita influência nessa parte do país desde tempos remotos. No

passado, tratava-se de um bando de rufiões sangrentos, praticantes de pirataria, seqüestro e outros tipos de coisas terríveis. Todavia, esse meio de vida os deixou muito ricos. Às vezes, percebo que Kassim sente-se na obrigação de ser generoso como que para retratar os erros de seus ancestrais.

Podia até ser, Jane pensou consigo, mas ele ainda mantinha vivo pelo menos uma das tradições da família. Seqüestro.

— É verdade que ele estudou medicina em Paris?

Mary fez que sim.

— Sim. Kassim é um competente médico. Estava trabalhando para as Nações Unidas no Sudão quando o pai dele morreu e ele teve de retornar para cá e tomar as rédeas dos negócios.

As duas entraram na área do mercado e Jane parou as perguntas. Entretanto, ainda havia muita coisa que ela queria saber a respeito de Kassim, antes de formar sua opinião a respeito dele.

O mercado era uma grande mistura de cores e barulhos. Todo mundo parecia conhecer Mary. A ex-freira retribuía os

cumprimentos com sorrisos e doces para as crianças. Jane, por ser estranha no lugar, apenas sorria polidamente de vez em quando. Uma pequena barraca com jóias chamou sua atenção e ela parou para examinar algumas peças.

— Interesse profissional — explicou a Mary. — Eu costumava trabalhar com essa linha de jóias em Londres.

Examinou alguns braceletes de prata e colares de concha. Cada peça era confeccionada à mão, o que significava que nenhuma delas era idêntica. Sorriu para a vendedora e dirigiu-se a Mary:

— Pergunte onde ela consegue essas peças.

— Não preciso perguntar — disse Mary. — O pai e o irmão dela possuem uma pequena loja na cidade.

Encaminharam-se para a barraca seguinte, que mostrava um brilhante conjunto de caftãs bordados e turbantes. Também eram confeccionados na cidade. Era uma pena que Sally não estivesse ali para ver tudo aquilo, pensou Jane.

Cerca de uma hora depois, quando estavam sentadas do lado de fora de um café, tomando leite e comendo bolo, Jane tentou pensar em um jeito de falar novamente sobre Kassim. Sem querer, Mary resolveu o problema:

— Espero que Kassim tenha tempo para descansar agora que está de novo em casa. Ele trabalha demais. Está sempre viajando para Paris, Madri e Roma, a negócios. Às vezes, volta completamente exausto.

Claro, pensou Jane. Seduzir mulheres em algumas das principais capitais da Europa devia ser mesmo uma tarefa muito cansativa.

— Não entendi muito bem qual é o trabalho de Kassim — disse a Mary. — Além de ser o chefe dessa cidade, quero dizer. Quando nos conhecemos em Londres, ele não mencionou nada a respeito.

Mary riu.

— Bem, não sei ao certo por onde começar. Primeiro, há o ramo de pescaria. Cavalas e sardinhas. Ele tem uma frota de barcos que faz a pescaria e depois a mercadoria é exportada. Depois vêm os hotéis espalhados por áreas banhadas pelo

Mediterrâneo. Também é dono de distribuidoras de combustível. Oh, e as duas fazendas para criação de cavalos. Tudo é dirigido por vários membros da família dele: tios, primos, irmãos... Porém, Kassim é um homem que gosta de manter tudo sob sua vigilância. Por isso viaja tanto. — Hesitou antes de acrescentar: — Acho que está na hora de ele encontrar uma esposa e levar uma vida mais tranqüila. Quando vi você essa manhã, pensei... Mas depois notei o anel no seu dedo. É de noivado, não?

— Sim — Jane admitiu com calma. — Meu noivo, Damien, mora em Londres.

"Agora pergunte o que estou fazendo aqui com Kassim se meu noivo está em Londres", pediu em pensamento.

Mary, pelo visto deduzindo que o assunto não era da sua conta, terminou o leite e ficou de pé com um sorriso.

— Gostaria de lhe mostrar a nova clínica. Kassim bancou toda a construção e a aparelhagem, melhor do que a de muitas clínicas de cidades grandes. Todos nos orgulhamos muito da obra.

Mary levou-a de volta para a casa de Kassim pouco antes das três da tarde. Encontraram Kassim questionando Jalila a respeito de seu casamento.

A moça agora trajava um bonito vestido com tecido em degrade azul. Abaixou a vista, embaraçada, ao notar a presença das outras duas mulheres.

Kassim falou com seriedade e ela levantou a vista, um gesto de orgulho.

— Assim está melhor — Kassim resmungou em francês. — Não aja como se tivesse que sentir vergonha de alguma coisa. Hassan é o culpado nessa história. Quando ele chegar, quero que o encare de frente.

Mary lançou um olhar desculpas.

— Talvez seja melhor Jane e eu ficarmos dentro de casa.

— Não — Kassim refutou. — Quanto mais mulheres presenciarem a cena, maior a humilhação para ele. — Fez um sinal para um empregado trazer mais duas cadeiras. Chamando Jane de lado, comentou: — Sabendo o quanto Irmã Mary é falante, ela já deve ter lhe contado o problema de Jalila?

— Sim — Jane confirmou. — E eu disse a ela exatamente o que acho da maneira como a lei trata as mulheres por aqui.

Kassim curvou os lábios com ironia, os olhos azuis adquirindo um brilho de divertimento.

— Então nunca passou pela sua cabeça se casar com um marroquino?

— Pode apostar sua vida nisso. Espero segurança de um marido, e não ser apenas mais uma no harém dele.

— Estranho — disse ele —, pessoas deviam se casar por amor. Você, no entanto, quer apenas segurança. Não acha que sua prioridade está errada, Jane?

Ela abaixou a vista, mais perturbada com a questão do que gostaria de admitir. O súbito questionamento de seus princípios pegou-a de surpresa, obrigando-a a repensar uma série de conceitos. E algumas das verdades que estava descobrindo sobre si mesma, revelavam-se difíceis de encarar.

Sentiu-se grata quando foram interrompidos por um empregado que sussurrou algo ao ouvido de Kassim. Ele assentiu e deu algumas instruções. Então

sentou e fez um gesto para Jalila ocupar a cadeira à sua esquerda, com Jane e Mary à direita.

Quando o ex-marido de Jalila entrou no aposento, olhou para o "comitê de recepção" e hesitou um instante.

Era baixo, franzino e tinha olhos meio saltados. Trajava uma túnica preta por cima do terno caro. Jane não conseguiu entender o que uma moça bonita como Jalila vira naquele homem que tinha idade quase para ser pai dela. Só se ele fosse rico e ela estivesse sob algum tipo de pressão, devido à sua origem simples.

Kassim permaneceu sentado e olhou para o visitante. Hassan posicionou-se diante deles, olhando de um para o outro. Engoliu seco, antes de dizer:

— Selaam alikum, Caid.

— Em consideração às minhas convidadas, prefiro conduzir a conversa em inglês — Kassim informou-o. — Sei que conhece o idioma.

— Como quiser, Caid. Mas não deveríamos discutir sobre negócios na frente de mulheres.

— Não discutiremos sobre negócios — Kassim contestou. — Está aqui para me dizer o motivo pelo qual se divorciou de sua esposa.

— Com humilde respeito, Caid, esse é um assunto que só diz respeito a mim.

Kassim fitou-o num silêncio desafiador. Hassan não pareceu gostar muito e olhou com desprezo para a ex-esposa.

— Ela é estéril, Caid. Não pode me dar nenhum filho. Durante dois anos plantei minha semente em solo infértil.

Kassim considerou a declaração, então disse:

— Isso é de fato uma infelicidade.

Hassan assentiu com veemência.

— Um homem precisa de filhas para cuidarem dele na velhice e filhos para tratar dos negócios. Um homem sem filhos não é nada. Já estou perdendo o respeito na cidade. Vejo as pessoas apontando para mim e rindo.

— Parece que o destino não está sendo muito gentil você — Kassim asseverou. — Sua primeira esposa também era estéril, não?

— Sim, Caid.

— E a segunda?

Um brilho de suor surgiu na testa de Hassan.

— Ela também era infértil.

Kassim ajeitou-se melhor na cadeira e franziu o cenho.

— Quer dizer que teve três mulheres em seguida e todas elas inférteis... Parece difícil de acreditar.

— Isso só pode ser alguma praga que me rogaram, Caid. Talvez alguém com inveja do meu sucesso nos negócios. É a única explicação possível.

Jane ficou surpresa. As pessoas ali acreditavam em pragas e coisas desse tipo? Pelo visto, sim. Kassim e Mary não pareceram estranhar a declaração.

— Diga-me uma coisa, Hassan, tem idéia de onde se encontram suas duas outras esposas?

A pergunta de Kassim pegou-o de surpresa e Hassan deu de ombros.

— Creio que elas voltaram a morar com a família, Caid.

Kassim balançou a cabeça.

— Jalila me contou que sua primeira esposa virou pedinte nas ruas de Marrakesh. A

outra sobrevive vendendo o corpo nos guetos de Rabat. Não sente nada com relação a isso?

Hassan olhou para Jalila e deu de ombros.

— Não é problema meu se elas escolheram esse tipo de vida. Não servem para nada e foi burrice minha casar com elas.

Jane notou a maneira como Kassim cerrou os punhos. Por um momento, pensou que ele fosse agredir Hassan. Para dizer a verdade, ela própria também teve vontade de fazê-lo.

— Jalila também me disse que tem mais quatro irmãs — Kassim prosseguiu. — São casadas e felizes no casamento. Todas já tiveram filhos.

Hassan ergueu as mãos, como num gesto de apelo.

— Então isso só confirma o quanto me falta sorte, Caid. Cinco irmãs e eu fiquei justamente com a que não pode ter filhos. Rogaram-me alguma praga.

— Sim... você pode ter razão — anuiu Kassim. — Porém, existe uma explicação mais plausível para tudo isso. Algo que não tem nada a ver com pragas e coisas do gênero.

Talvez Alá, em sua infinita sabedoria, tenha decidido que apenas um homem com seu sangue já era suficiente. Pode ter lhe negado o direito de procriar.

A insinuação provocou uma expressão de fúria no rosto do árabe. Ele apontou um dedo acusador para Jalila.

— Não há nada de errado com a minha masculinidade, e ela sabe muito bem disso!

Kassim sorriu com ironia, antes de dizer:

— Não importa quantas vezes uma arma dispare se o cartucho não estiver carregado com balas. Um simples exame médico mostrará a verdade.

Hassan empalideceu.

— Não! — refutou com veemência. — Não vou me submeter a esse exame. Seria uma humilhação.

Kassim olhou-o em silêncio depois assentiu.

— Bem, claro que a escolha é sua. Ninguém pode forçá-lo a ser examinado.

O árabe relaxou. Jane ficou frustrada por Kassim haver deixado que ele escapasse com tanta facilidade. Porém, logo percebeu que o subestimara.

— Tem uma frota de doze barcos no porto?

Hassan balançou a cabeça.

— Sim, Caid. Ótimas embarcações.

— Muito bom. Agora ouça o que tenho a dizer: terá de doar nove dos seus barcos. Irei vendê-los e o dinheiro obtido será dividido igualmente entre suas três esposas. Se bem investido, a soma será suficiente para sustentá-las pelo resto da vida.

Hassan continuou olhando-o, perplexo.

— Está se excedendo em sua autoridade, Caid. A lei não exige que eu...

Ele interrompeu-se assim que Kassim ficou de pé, impondo-se diante dele como uma figura ameaçadora.

— Sei o que a lei exige, Hassan. Mas também sei o que ela não exige. Não está decretado, por exemplo, que eu ou qualquer outra pessoa dessa cidade tenha de abastecer seus barcos com combustível. Nem que a minha empresa tem de comprar o produto de suas pescarias.

— Mas... mas eu protesto!

— Proteste o quanto quiser, mas não vai adiantar. Se não atender às minhas

exigências, providenciarei para que seus preciosos barcos sejam banidos de todos os portos de Marrocos, da Espanha e do Mediterrâneo em geral. Ficarão ancorados até não serem úteis mais para nada.

O árabe adquiriu a expressão horrorizada de um homem prestes a ver seus negócios falidos. Claro que ele sabia que Kassirn tinha poder para cumprir as ameaças.

— Isso... isso não é justiça, Caid — contestou ele. — Só porque não vou me submeter a... a esse ridículo exame médico, quer arruinar minha vida.

— Não tem nada a ver com sua recusa em fazer o exame. Minha decisão foi tomada antes de você vir até aqui. — Após uma breve pausa, prosseguiu: — O Corão nos ensina a sermos piedosos, mas você tem demonstrado pouca piedade para com as mulheres com quem se casou. Agora, para mostrar que até mesmo eu posso ser caridoso, vou lhe pedir mais uma vez para fazer o exame. Se o resultado for a seu favor, poderá ficar com seis barcos. Mas se for o contrário, terá que se desfazer de seus bens e então será você quem irá pedir esmolas pelas

ruas de Marrakesh. A escolha é sua. Decida agora.

A voz de Hassan saiu num mero murmúrio:

— Não farei nenhum exame, Caid. Darei nove dos meus barcos.

— Imaginei que iria preferir isso — disse Kassim. — Não tem tanta certeza assim de sua virilidade, como quer fazer todos acreditarem. — Fez um gesto abrupto, dispensando-o. — Meu advogado e contador irá procurá-lo amanhã para acertar os detalhes. Agora suma daqui. Sua presença já poluiu minha casa o suficiente.

O jantar foi servido às oito em ponto da noite. Kebira conduziu Jane até a sala de jantar e fez uma pequena mesura antes de se retirar e fechar a porta.

Kassim, ocupado atrás do balcão do bar, parou um instante de encher duas taças com vinho e olhou-a com admiração.

— Magnífica! A verdadeira visão da beleza.

Kebira havia erguido as mãos, desesperada com a decisão de Jane para o que seria adequado para vestir. Mais para agradar

a criada do que a si mesma, Jane permitira que ela escolhesse um vestido verde-escuro de seda, preso ao ombro por um enorme broche prateado. Nos pés usava babouches prateadas, mas recusara-se a pôr o turbante que Kebira oferecera, preferindo deixar os cabelos soltos, como sempre.

Ao ver o requinte da mesa, Jane ficou surpresa. Sentaram-se um de frente para o outro.

— Parece espantada, Jane. Esperava que fôssemos comer sobre um tapete, segurando tigelas e comendo com as mãos?

Ela engoliu seco.

— Se está tentando me fazer perder o apetite, desse jeito acabará conseguindo. — Olhou para o vinho na mão dele. — Pensei que muçulmanos não tomassem álcool.

— Não tomam mesmo, mas eu sou fraco. Prefiro cometer meus pequenos pecados e depois pedir perdão. Por que não prova um pouco do vinho e diz o que acha da minha adega?

Jane levou a taça aos lábios e provou o vinho.

— Parecido com você — disse a ele. — Exótico.

Kassim sorriu, satisfeito.

— Ele também é doce — salientou. — Como você. Uma boa combinação. Você e eu nos daremos bem. Acho que fomos feitos um para o outro.

Sob as luzes do candelabro, os olhos dele brilhavam como se enxergassem sua alma. Apesar do leve tremor das mãos, Jane pegou a taça novamente. O prato principal eram pedaços de galinha assados e servidos num delicioso molho aromatizado. Ao provar a primeira porção, Jane fechou os olhos um instante.

— Mas que delícia!

— Tinha de ser. Roubei o cozinheiro de um dos melhores hotéis de Paris.

— Verdade? — Ela arqueou uma sobrancelha. — O mesmo que você ameaçou essa manhã?

— O próprio. Não tem idéia do quanto ele ficou aliviado quando contei que você havia apreciado o desjejum.

Jane provou outro pedaço de galinha e disse:

— Parece ter o hábito de roubar tudo que quer. Primeiro o cozinheiro, agora eu.

O olhar de ambos se encontrou por um momento. Quando ela abaixou a vista, Kassim sorriu.

— Louis não está reclamando. Trabalha metade do tempo de antes e ganha o dobro. Ele gosta daqui. Da mesma maneira como tenho certeza de que você também acabará gostando.

Jane continuou comendo em silêncio. Ela sempre parecia levar a pior nessas discussões. Só de olhar para o azul daqueles olhos enigmáticos, sentia-se fraca, impotente para reagir.

Ao final da refeição, Kassim encheu os copos novamente e levou-a para o terraço. O perfume das flores recendia pelo ar da noite, enquanto a água da piscina refletia o brilho de mil estrelas.

Parando próximo a uma balaustrada de mármore, Kassim ergueu o copo para propor um brinde.

— A nossa primeira noite juntos, Jane. Com certeza será digna de abalar a órbita da Terra.

Jane falou com a voz um pouco trêmula:

— É mesmo inacreditável, Kassim. Como tem coragem de pedir que eu brinde a minha própria sedução?

— Por que não? — Ele arqueou uma sobrancelha. — Sei que mal pode esperar. Posso sentir as vibrações das batidas descompassadas de seu coração entre nós.

— É muito seguro de si mesmo. As batidas que você está ouvindo também podem ser de medo ou pânico.

— Se tem medo de alguma coisa, não é de mim, mas do desejo selvagem que existe dentro de você. Tem medo de perder o controle sobre si mesma.

Jane mordeu o lábio e desviou a vista, nem tentando negar algo de que se tornava mais consciente a cada minuto. Havia alguma coisa em Kassim que a perturbava profundamente. Desde o primeiro momento em que aqueles olhos azuis fitaram os dela, Jane o desejara. Não admitira isso para si mesma na ocasião, porém não adiantava mais fingir que nada acontecera. Seu corpo chegava a quase doer de desejo por ele.

Como que adivinhando o que se passava pela mente dela, Kassim tomou sua mão esquerda e a levou aos lábios.

— Durante o jantar, notei que tirou seu anel de noivado. Espero que não tenha sido motivada por algum sentimento de culpa ao haver decidido trair seu noivo? — sugeriu ele.

— Eu... eu o dei para Kebira. Disse a ela para guardá-lo. Porém, esse assunto só diz respeito a Damien e a mim.

Os lábios de Kassim curvaram-se num sorriso satisfeito.

— Decisão sensata, Jane. Eu sabia que meu irresistível charme venceria no final.

— Isso não teve nada a ver com o seu "irresistível charme" — contestou ela.

Kassim continuou segurando a mão dela.

— Falaremos sobre isso depois que entrarmos nos portões do paraíso.

Apesar do desejo, Jane foi tomada por uma onda de indignação. Kassim pensava que bastaria estalar os dedos para ela ir parar na cama dele. Afastou-o com veemência.

— Pare, Kassim. Não quero nada com você.

Os olhos azuis escureceram, mas ela continuou a encará-lo com ar desafiador.

— Se eu disse algo que a ofendeu, aceite minhas desculpas — afirmou ele.

— Não foi o que você falou — corrigiu Jane, irritada —, mas a maneira como conduz as coisas. Todo esse poder subiu à sua cabeça. Quando você vê algo que quer, pensa que tem um direito divino do obter o que deseja.

Kassim pareceu refletir um instante a respeito, então deu de ombros.

— É o nosso sangue quente que explica isso. Ao contrário de vocês, ingleses, não temos vergonha de nossos apetites e procuramos obter prazer quando o desejamos. A vida é curta demais para se perder tempo.

— Observar as regras de decência nunca é perda de tempo — Jane salientou.

Kassim pareceu surpreso por um momento, mas acabou assentindo.

— Ainda está irritada com a maneira como foi trazida para cá. E isso?

— Sim, em parte.

— Ou ficou ressentida por eu haver dito que Damien está envolvido com drogas? Ainda acha que eu inventei a história?

Jane meneou a cabeça.

— Não acreditei em você no início. Agora, porém... Bem, já não tenho tanta certeza. Você pode ter muitos defeitos, mas não é mentiroso.

— Obrigado pelo voto de confiança.

Encheu a taça dela um pouco mais e a conduziu até um sofá. Sorriu ao notar o ar desconfiado de Jane.

— Não se preocupe — acrescentou. — Quero apenas sentar e conversar um pouco.

Sentou-se ao lado de Jane, mas não a tocou. Todavia, olhou-a com perturbadora intensidade.

— Você é a mulher mais excitante que já conheci, Jane, e quero saber tudo a seu respeito. Ainda é um mistério para mim. Não sei quase nada sobre você.

— Não tenho nada de diferente. Talvez esteja tão acostumado a ver as mulheres se jogarem aos seus pés que quando uma age de modo diferente...

Kassim ergueu a mão, silenciando-a.

— Admiro uma mulher de princípios, Jane. Caso contrário, eu não estaria interessado em você. — Estudou cada detalhe do rosto dela. — Damien é um idiota. Não

consigo entender o que viu nele. Entretanto, sua decisão de romper o relacionamento com ele indica que pelo menos já suspeitava de alguma coisa. Estou certo?

O comentário pegou Jane de surpresa.

— Claro que não! Pelo que eu sabia ele era consultor financeiro autônomo. Damien nunca me deu motivo para pensar o contrário. — Mordeu o lábio. — Fui uma idiota. Pensei que estivesse apaixonada por ele, mas me dei conta...

Engoliu seco quando as lembranças daquele dia terrível lhe vieram à mente, atormentando-a.

De súbito, seu autocontrole desapareceu e ela largou o copo sobre uma mesinha, cobrindo o rosto com as mãos. Sentiu o braço de Kassim em torno de seus ombros, confortando-a, enquanto a voz aveludada dizia:

— Conte-me o que a entristece, minha rosa. Seu coração está pesado. Divida sua dor comigo.

Capítulo V

Após um último soluço, Jane conseguiu finalmente recobrar a calma. Pousou as mãos sobre o colo e olhou para Kassim em silêncio. O braço dele continuava sobre seus ombros, mas ela não fez menção de tirá-lo.

— Vamos — Kassim incentivou-a. — Compartilhe sua dor comigo. Se Damien a magoou...

— Não. A culpa foi toda minha. Nunca amei Damien na verdade. Agora sei disso. Foi algo que Sally disse que me fez pensar melhor.

Sentindo a relutância de Jane em prosseguir, ele a incentivou:

— Quem é Sally?

— Uma amiga de Londres — ela explicou.
— Fomos sócias no passado.

— Em que tipo de negócio?

— Tivemos uma cadeia de butikues. Tornamo-nos especialistas em desenho de jóias. Estávamos tendo muito sucesso. Sei que parece convencimento, mas é a verdade.

— Você faria sucesso em qualquer coisa que se propusesse a fazer — salientou Kassim.

— Fiquei orgulhosa pelo que consegui alcançar — Jane prosseguiu. — Pelo menos formei minha independência. Só que meus pais não enxergavam as coisas dessa maneira. Prefeririam que eu me casasse e formasse uma família.

— Uma ambição comum à maioria dos pais — Kassim comentou.

— Sim — Jane assentiu. — Sei muito bem que fui um desapontamento para eles. Tentei me retratar enviando-os para uma luxuosa viagem de férias. Levei-os ao aeroporto, vi o avião partir...

Jane parou de falar de repente, atormentada pela triste lembrança.

Em um momento o avião subia com tranqüilidade, no outro caía em meio a uma bola de fogo. Primeiro ficara em silêncio, chocada demais para ter alguma reação, depois um grito rompera-se em sua garganta ao ouvir a sirene dos carros de socorro.

Quando terminou de contar tudo, sua testa estava molhada de suor. Sentia-se fraca,

como alguém que acabara de se recuperar de uma forte febre.

— Então essa é a dor que vem carregando todo esse tempo em seu coração — Kassim asseverou com gentileza.

Jane assentiu, fechando os olhos.

— Eles nunca teriam entrado naquele avião se não fosse por minha causa.

Kassim segurou a mão dela, afagando-a com gentileza.

— Seu sentimento de culpa é compreensível, mas tolo, Jane. Nossas vidas estão nas mãos do destino. Ninguém tem o poder de alterar os fatos. Não deveria permitir que os fantasmas do passado a perseguissem. Cada dia da vida de uma pessoa deve ser encarado como uma página nova e em branco na qual será impressa a sua marca.

— Sim — Jane concordou. — Agora é fácil raciocinar assim. Mas na época fiquei abalada demais para conseguir ter qualquer pensamento racional sobre o que acontecera. Só conseguia enxergar minha culpa pelo que ocorrera com os meus pais. Eles sempre quiseram que eu arrumasse alguém para casar e formasse uma família, então foi isso que

resolvi fazer. Vendi minha parte dos negócios para Sally e esperei que o homem certo aparecesse. — Suspirou, frustrada. — Não, vamos ser sinceros. Qualquer homem. Desde que fosse atraente e bem-sucedido. Conheci Damien em uma festa e ele pareceu preencher bem o papel. O resto é história. Fingi para mim mesma que era amor, mas acho que sempre soube no fundo do coração que o sentimento não era verdadeiro.

— Mas ele representava o preço que você estava disposta a pagar por seus pecados imaginários — comentou Kassim, surpreendendo Jane com sua sagacidade. — Agora entendo o motivo de sua raiva por mim. Com tantos problemas para superar, a última coisa de que precisava era um intrometido como eu se metendo na sua vida e tornando-a ainda mais complicada.

Diante da demonstração de compreensão, Jane voltou atrás:

— Por favor, não se culpe, Kassim. Você não sabia de nada. — Fitou-o nos olhos e sorriu. — Talvez tenha sido exatamente o que eu precisava. Nunca consegui conversar com

ninguém sobre isso antes. Agora que me abri com você, sinto-me mais aliviada.

Kassim beijou-a com carinho na testa. Jane sentia-o mais perto de si, agora que compartilhava seus sentimentos com ele. Kassim não representava mais uma ameaça. Pelo contrário, era uma rocha na qual ela poderia se apoiar.

— Precisa de uma boa noite de sono — disse a ela. — Pedirei a Kebira que prepare outro quarto para você,

Mais uma vez a compreensão de Kassim deixou-a tocada. Os sentimentos de Jane mudaram por completo com relação a ele. Muito ciente de sua súbita decisão, fitou-o nos olhos e sussurrou:

— Não será preciso, Kassim.

A luz do quarto era indireta. Um tênue iluminação cor-de-rosa deixava o ambiente com um aspecto acolhedor e aconchegante. Através da janela era possível ver a lua minguante, acesa como a vela de um iate imaginário cruzando o espaço infinito.

Kassim levava Jane no colo até ali e a colocara no chão, como uma criança. Ela

continuava no mesmo lugar, sentindo o coração bater descompassado como as asas inquietas de um beija-flor. Ele abriu mais a cortina e voltou-se para ela.

Jane viu-se tomada por uma súbita onda de pânico. Tomara decisão certa? Seriam os sentimentos que Kassim lhe despertava suficientes para que ela aceitasse o que estava prestes a acontecer? Apaixonara-se mesmo por ele ou esta seria apenas carência depois da compreensão que ele demonstrara? E quanto a ele? Teria sentimentos verdadeiros com relação a ela?

Apesar de sua mente estar mil por hora, Jane não conseguia desviar a atenção daqueles olhos azuis. Era como se estivesse hipnotizada.

Kassim pousou as mãos sobre seus ombros, com gentileza e murmurou:

— Esperei muito por esse momento, minha rosa. Lembra do que eu lhe disse quando nos encontramos?

— Não... Disse tantas coisas...

Jane nunca sentira-se tão excitada antes. Até mesmo o tom sedutor da voz de Kassim provocava-lhe arrepios pelo corpo.

— Então vou lembrá-la — ele sussurrou-lhe ao ouvido. — Disse que derrubaria a muralha de frieza ao seu redor, liberando o vulcão de sensualidade que existe dentro de você. Bem, o muro já começou a cair e já posso sentir o calor do vulcão...

Segurando o rosto dela entre as mãos, num gesto possessivo, roçou a ponta da língua entre os lábios dela. Um leve gemido escapou da garganta de Jane. Num impulso, apoiou as mãos na cintura de Kassim.

A língua dele continuou a doce invasão, fazendo-a gemer mais uma vez. Seus dedos pareciam ter adquirido vida própria, subindo e entrelaçando-se entre os cabelos maacios de Kassim.

Ele afastou-se um pouco. Fitando-a nos olhos, disse:

— Sexo é uma arte, Jane. E, como tal, não deve ser feito com pressa. Cada ação deve ser pensada e executada com lenta deliberação.

Ela ficou olhando Kassim tirar o broche prateado que prendia seu vestido na altura do ombro. Se quisesse pôr um fim em tudo isso, esse seria o momento adequado.

Porém, quando seu vestido caiu no chão, em torno de seus pés, ela percebeu que já era tarde demais para voltar atrás. Tudo que lhe restava sobre o corpo era a roupa íntima.

Distinguiu o ardente brilho de desejo nos olhos de Kassim e foi invadida por uma espécie de sentimento de liberação, como se uma algema invisível houvesse se partido dentro de seu ser.

Por que sentir vergonha de sua nudez se a visão dela provocava um efeito tão evidente em Kassim? Pela primeira vez na sua vida, entendia o relacionamento entre sexo e poder. Sexo não precisava significar submissão, mas podia ser uma transmissão de poder e prazer ao mesmo tempo.

Observando cada nuance das mudanças na expressão de Kassim, foi retirando o sutiã e a calcinha devagar, sem desviar os olhos do rosto dele. Em meio ao silêncio do quarto, ouviu Kassim conter a respiração. Em seguida, ele abriu os braços.

— Venha para mim, Jane.

Ela mal conseguia sentir os pés sobre o chão quando andou até ele.

— Agora tire minha roupa — ele sussurrou.

Jane estreitou o olhar com um sorriso.

— Nunca despi um homem antes. Terá de me ajudar.

Kassim também sorriu, abrindo o cinto da túnica e revelando a camisa logo abaixo.

— Quantos botões! — protestou ela. — Isso pode levar a noite inteira.

Com gentileza, Kassim levou a mão dela até o primeiro botão.

— Temos a noite inteira. Demore quanto tempo quiser.

Jane começou a abrir os botões. Quando terminou, afastou o tecido dos ombros dele. Quando o peito largo e forte foi revelado, Jane não resistiu ao impulso de tocá-lo com lábios. O delicioso perfume amadeirado que ele usava aguçou-lhe os sentidos, deixando-a ainda mais excitada.

Ansiosa para tocar aquele corpo magnífico, ficou de joelhos e abriu o cinto da calça dele. Podia ouvir a respiração acelerada de Kassim enquanto continuava a despi-lo. Sua própria respiração se acelerou quando o

membro pulsante e viril revelou-se diante de seus olhos.

Voltando a ficar de pé, fitou-o nos olhos, os lábios sedentos por um novo beijo. Kassim a enlaçou entre os braços, puxando-a para si. Com os lábios a centímetros dos dela, murmurou com voz rouca:

— Em nome de Alá, Jane, mulheres com menos beleza do que a sua já fizeram homens enlouquecerem de luxúria e começarem guerras.

Jane enlaçou os braços em torno do pescoço dele.

— Pensei que a intenção fosse fazer amor, não guerra, Kassim. Não é isso que você quer?

Os lábios quentes apossaram-se dos dela em resposta. O beijo foi forte, exigente. Cada contorno do corpo de Jane ficou pressionado contra o dele. Os seios esmagados contra o peito forte, o membro másculo pulsando junto ao seu ventre...

Não demorou muito para Kassim tomá-la nos braços e levá-la para a cama. Depois de deitá-la com gentileza, Kassim posicionou-se sobre ela, como um guerreiro examinando o vale de prazer que estava prestes a invadir.

Jane ergueu os braços para ele com ar suplicante, porém Kassim acalmou-a num tom aveludado:

— Paciência, minha rosa. Nossos olhos precisam se satisfazer antes de prosseguirmos.

Sem dúvida, os olhos de Jane estavam mais do que satisfeitos com a visão daquele corpo magnífico. Depois de admirar cada centímetro do corpo dela, Kassim finalmente respirou fundo, deitando ao lado de Jane. Acariciou cada um dos mamilos rosados com os polegares, antes de tomar um deles na boca. Sugou-o de uma maneira que deixou Jane louca de prazer. Seus gemidos tornaram-se mais intensos quando Kassim foi deslizando a mão por seu corpo até alcançar sua parte mais sensível.

Ela afundou os dedos nas costas dele, arqueando o corpo sob o ritmo da mão experiente. Depois de alguns minutos de deliciosa tortura, Kassim deitou sobre ela, penetrando-a com um movimento carinhoso, mas firme. Jane gemeu mais alto, sentindo-se finalmente completa.

Escravizada pelas exigências de seu próprio corpo, começou a mover o quadril com

sensualidade. Divertindo-se com a impaciência dela, Kassim sorriu, também aderindo ao ritmo intenso e constante.

As investidas de Kassim levaram-na a um clímax febril, permeado por gemidos e sobressaltos de prazer. Manteve o corpo suado junto ao dele, enquanto seus tremores diminuíaam aos poucos. Segurou o rosto de Kassim entre as mãos, beijando-o com languidez.

— Foi maravilhoso.

— Foi? — Kassim arqueou uma sobrancelha. — Mas, chérie, ainda não terminamos.

Jane arregalou os olhos, surpresa. Kassim começou a se mover novamente.

— O quê...?

Ele interrompeu-a com um beijo. Quando deu por si, seu corpo já havia recomeçado a acompanhar os movimentos do dele. O ritmo foi ficando cada vez mais rápido e Jane experimentou o momento de expectativa que antecedia o clímax. Ouviu Kassim emitir um profundo gemido de prazer e não teve como evitar um segundo auge de prazer acompanhado pelo dele. Pela segunda vez, seu

corpo foi arrebatado por uma intensa onda de satisfação.

Minutos depois, Kassim rolou para o lado e sorriu para ela.

— E então, minha rosa? Eu a fiz feliz?

— Duas vezes! — respondeu ela ainda sem fôlego. — Não consigo acreditar!

Kassim apoiou-se sobre um cotovelo.

— Treino e disciplina — salientou.

— Treino? — Jane franziu o cenho.

Ele sorriu diante do espanto que ela demonstrou.

— Em nossa tribo, os garotos são treinados na puberdade. São ensinados a se conter. Se um homem não puder satisfazer uma mulher, não deve ser considerado digno do nome.

Jane quase perguntou quem fora a sortuda com quem ele treinara, mas achou que ele se ofenderia. Em vez disso, comentou num tom inocente:

— Um homem como você já deve ter possuído muitas mulheres... — Hesitou. — Para treinamento, claro.

Kassim beijou-a de leve.

— Esse seu ar inocente não me engana, Jane. Existe mais por detrás dessa pergunta do que deseja admitir.

— N-não sei onde você está querendo chegar.

— Não importa. Mas a resposta para a pergunta é não. Sou muito criterioso com as mulheres que escolho para mim. Sexo é um prazer que não pode ser obtido indiscriminadamente.

A resposta agradou Jane. Claro que havia a possibilidade de Kassim haver respondido apenas o que ela gostaria de ouvir, porém ela não acreditava nisso. Kassim não era do tipo de homem que mentiria sobre uma coisa dessas.

Jane fechou os olhos com languidez, ainda sob o efeito de seu ato de amor com Kassim. Sentiu os lábios dele tocarem os seus e ouviu-o sussurrar:

— Durma bem, minha rosa. Merece um bom descanso.

"Mais fácil dizer do que fazer", Jane pensou consigo. Vozes que pareciam vir de sua consciência teimavam em perturbar seu sono. Kassim não aparentava estar tendo mesmo

problema segundo ela pôde notar pela respiração compassada a seu lado. Sabia sem nenhuma sombra de dúvida que estava apaixonada por ele, mas também tinha consciência de que poderia estar cometendo o maior erro de sua vida.

Ficaria feliz em passar o resto de seus dias ao lado dele, todavia, quais seriam os planos de Kassim para ela? Sabia muito bem que a maioria dos homens não igualavam sexo com amor verdadeiro. Morriam de medo que o relacionamento sexual desse à mulher a impressão de que tinha o direito de passar uma coleira pelo pescoço deles.

Era difícil de acreditar que ele só a levara até ali para salvá-la de se envolver com a polícia. Afinal, por que ele teria todo esse trabalho com uma pessoa estranha?

A outra única possibilidade era Kassim sentir uma forte atração física por ela, levando-o a querer tê-la sob seu domínio. Ao conhecê-lo na festa, deixara bem claro que não queria ir para Marrocos, talvez por isso ele apelara para a velha tradição do rapto. Mas quem garantia que o interesse de Kassim continuaria igual? Dentro de pouco tempo poderia muito bem se

ver voltando para a Inglaterra com a mesma falta de cerimônia com que fora levada até ali.

Adormeceu algum tempo depois. Teria de esperar para obter as respostas às suas questões.

— Presumo que tenha dormido bem ontem? — Kassim perguntou com polidez, enquanto tomavam o desjejum à beira da piscina.

Jane sorriu ao notar o brilho insinuante nos olhos dele.

— Dormi muito bem.

— Ótimo — respondeu ele. — Não consigo pensar em uma maneira mais prazerosa de se ficar exausto. Faremos um pouco mais de... exercícios à noite.

Jane não disse nada, limitando-se a tomar um gole de suco de laranja.

— Irmã Mary logo estará aqui — Kassim informou-a num tom casual. — Ela lhe fará companhia, se você quiser ir à cidade. Infelizmente, preciso cuidar de alguns negócios hoje. Mas amanhã vou levá-la para ver os Homens Azuis.

— Homens Azuis? — Jane franziu o cenho, — Quem são?

— Homens da minha tribo que vivem no deserto — Kassim explicou. — São ótimos comerciantes. Irão examiná-la e dizerem se você vale mesmo o dinheiro que perdi.

Jane olhou-o no mesmo instante, mas logo relaxou. Agora já estava mais acostumada com o irônico senso de humor de Kassim. Se fosse antes, teria pedido para ele explicar o comentário no exato momento.

Kassim chamou Kebira, que ajudara a servir o jantar e falou algo para ela em árabe. Assim que a criada entrou apressada na casa, ele disse:

— Pode ser que queira fazer algumas compras. Mandeí Kebira pegar dinheiro. Melhor levá-la junto para a cidade. Ela é inteligente e cuidará para que ninguém engane você.

Jane olhou para a piscina e disse, pensativa:

— Vendem roupas de banho no mercado?

Ouvira histórias sobre turistas que haviam sido agredidos com pedras em países

árabes por ousarem andar pela praia com roupas de banho mais ousadas.

— Há muitas roupas de banho aqui em casa. Peça a Kebira que encontre uma que lhe sirva. — Kassim riu. — Entretanto, não precisa se incomodar em usar nada, se for nadar nessa piscina. Não será permitido que ninguém a veja, exceto eu, claro. Na verdade, posso até me juntar a você.

— Sim... Deduzi que iria sugerir algo do gênero.

Tomou um gole de café e abaixou a xícara com cuidado. Não queria correr o risco de quebrar outra preciosidade.

O barulho de uma buzina anunciou a chegada de Irmã Mary. Cinco minutos depois, Jane estava no assento do passageiro do jipe, e Kebira atrás, a caminho da cidade. Mary estacionou o jipe e as três seguiram a pé pela barulhenta rua do mercado. O maior interesse de Jane estava nas jóias, mas compraria outra coisa, se algo diferente chamasse sua atenção. Quando entraram no labirinto de corredores, voltou-se para Mary:

— Quem são os Homens Azuis? Kassim vai me levar para vê-los amanhã.

Mary olhou-a de uma maneira peculiar, antes de responder:

— É mesmo? Bem, isso é interessante. — Parecia prestes a fazer um comentário, mas mudou de idéia: — Ora, são altos, atraentes e ótimos espadachins, como Kassim. Usam túnicas azuis e turbantes pretos que cobrem parte do rosto, como um véu. Tratei de alguns, na clínica. A maioria com fraturas nos ossos. Não falam muito, exceto entre eles mesmos, porém nunca me deram trabalho.

Jane olhou-a, pensativa.

— Por que você acha que Kassim quer que eu os encontre?

Mary deu de ombros.

— Talvez pense que você está interessada em saber como eles vivem no deserto. Eles têm de ser fortes para conseguirem sobreviver por lá.

Jane esperava que Mary estivesse certa. Aceitaria ir com Kassim desde que ele não tivesse nenhuma idéia sem graça de vendê-la para um bando de árabes em troca de alguns camelos e um saco de moedas.

Haviam andado um pouco mais quando os cabelos de sua nuca se arrepiaram. Olhou por

cima do ombro a tempo de ver um homem desaparecer em um dos corredores. Ele fora rápido, mas não o suficiente. O olhar de ambos encontrara-se por um instante, causando um arrepio na espinha de Jane. O ódio naqueles olhos escuros, a profunda cicatriz em uma das faces, o turbante sujo...

Jane continuou olhando para o mesmo lugar, perguntando-se se tudo não teria sido obra de sua imaginação. Mary fitou-a com ar de preocupação, indagando o que acontecera.

— Nada — Jane respondeu, forçando um sorriso. — Acho que é só o calor.

Afastando o incidente da lembrança, seguiu Mary e Kebira. De súbito uma porção de roupas coloridas chamou sua atenção e Jane parou para ver alguns casacos. O rico e colorido bordado a deixou fascinada.

— Mary, pergunte a ele quanto custa cada casaco.

Antes que Mary pudesse abrir a boca, Kebira adiantou-se, pegando o casaco das mãos de Jane e examinando-o com cuidado. Em seguida, devolveu-o ao vendedor da loja, explodindo numa torrente de frases em árabe.

O homem respondeu no mesmo tom alterado e logo formou-se uma discussão.

Espantada, Jane dirigiu-se a Mary:

— O que diabos está acontecendo?

Mary suspirou.

— Que desagradável — comentou. — Kebira acabou de chamá-lo de gordo aproveitador e desonesto por estar vendendo artigos tão ruins. Depois ele xingou-a de uma porção de nomes e disse que ela teria apenas filhas e todas com grandes verrugas no nariz. Em seguida, afirmou que todos os casacos tinham garantia e Kebira respondeu: "Sim, garantia até a primeira lavada". Agora ele está dizendo a ela...

— Não precisa dizer — Jane interrompeu-a. — Já entendi o que está acontecendo. Vamos em frente.

As duas afastaram Kebira da discussão e seguiram em frente. Mary questionou a moça, antes de se dirigir a Jane:

— Ela disse que o vendedor estava mentindo. Os casacos não são confeccionados aqui. São baratos, de qualidade inferior e importados de Portugal. Ele paga uma quantia irrisória para as mulheres daqui bordarem as

peças e depois as revende. Ela disse que sabe onde poderemos adquirir bons artigos.

— Mesmo? — Jane olhou Kebira com interesse. — Pergunte se ela sabe onde posso encontrar jóias bonitas ; e de qualidade, como aquelas que eu e você vimos ontem.

Parecendo embaraçada pelo comportamento presunço que tivera, Kebira ouviu Mary formular a pergunta, empolgou-se de repente, respondendo com uma série de lavras e gestos.

— Ela disse que conhece várias lojas que trabalham com prata e produzem belos broches e brincos.

Com a mesma empolgação, Jane abraçou a moça e exclamou:

— Très bon, Kebira! Vous êtes une petite... mina de ouro. Je suis très orgulhosa de vous. Poderia nos mostrar as jóias?

Entendendo o sentido da pergunta, Kebira respondeu:

— Mais oui, madame.

Começou a andar, seguida pelas outras duas. O mercado era grande e movimentado demais para ser conhecido em apenas uma visita. Jane sabia que seria preciso mais

alguns dias para ela ver tudo. Kebira parecia conhecer cada centímetro de dentro e fora do local. Depois de conhecerem algumas lojas, Kebira finalmente levou-as até uma pequena joalheria onde dois velhos e uma jovem confeccionavam delicados brincos de prata. Jane pegou uma das amostras e soube no mesmo instante que descobrira o mapa da mina.

Quatro horas depois portava dois rolos de couro repletos de amostras de jóias típicas do local. Após almoçarem em um pequeno restaurante, decidiram voltar para o jipe.

Estavam no meio do caminho quando os cabelos da nuca de Jane voltaram a se arrepiar. Ela parou de repente e virou-se, fitando o mar de rostos atrás de si.

Mary olhou-a, mais uma vez preocupada.

— Algo errado?

Jane continuou observando as pessoas por um momento

— N-nada — respondeu. — Apenas coisa da minha imaginação.

Como explicar o que acabara de sentir? Era como se estivesse sendo observada o tempo inteiro. Claro que poderia mesmo ser

coisa da sua imaginação, mas depois que vira aquele homem estranho ficara intrigada. Que motivo alguém teria para segui-la ali, em Marrocos?

Capítulo VI

Depois do desjejum, na manhã seguinte, Kassim começou os preparativos para a visita aos Homens Azuis. O carro foi abastecido com um suprimento de água e comida. Ao ver a quantidade de comida, Jane ficou preocupada, imaginando quanto tempo demoraria a viagem. Pelo menos um mês, pela quantidade de alimentos!

A estrada que saía da cidade em direção ao leste era boa durante um quilômetro mais ou menos. Depois ficava cada vez mais difícil, até finalmente desaparecer por completo. Jane olhou para o cenário em volta, através da janela do carro, e suprimiu um

estremecimento. Kassim olhou de lado e sorriu para ela:

— Bem-vinda à verdadeira Marrocos.

Não havia nada para se ver, além de solo vermelho ressecado pelo sol e algumas árvores secas. O calor do lado de fora parecia abrasador. Jane deu graças pelo ar condicionado do carro. Algumas rochas mais adiante pareciam quentes o bastante para se fritar um ovo.

— Existe mesmo pessoas vivendo aqui? — Jane inquiriu.

Kassim assentiu.

— Muitas. Algumas não gostam de cidades grandes.

— Na verdade, eu também não simpatizo muito com elas — Jane admitiu. — Entretanto, eu não as trocaria por isso.

Kassim não respondeu nada. Estava atento em conduzir o carro pela trilha difícil.

Jane tornou-se pensativa. Sabia que quanto mais tempo passasse ao lado desse homem enigmático, mais se apaixonaria. Se ao menos houvesse conseguido manter o desprezo inicial que sentia por ele, em vez de sucumbir aos próprios desejos, não estaria metida nessa

confusão agora. Todos diziam que era maravilhoso se apaixonar, mas ninguém mencionava os problemas que o sentimento trazia.

Tinha de haver algum meio de descobrir as intenções dele. Desistiu da idéia de perguntar, isso diretamente a ele.

Seguiram por mais vinte quilômetros de estrada de terra, até o solo ser substituído por camadas de areia. Passaram pelas ruínas de um forte, onde mais além se estendia um mar de areia e dunas.

Jane foi a primeira a quebrar o silêncio:

— Posso fazer uma pergunta que está me intrigando há algum tempo?

Kassim olhou-a de soslaio.

— Claro. Está imaginando se estamos perdidos?

O pensamento nem passara pela mente dela. Kassim era o último homem do mundo que ela esperava que fosse se perder. Ficara claro que ele conhecia cada grão de areia daquele lugar.

— Não — respondeu. — Estava me perguntando como você conseguiu me tirar da Inglaterra sem passaporte, a bordo de um

avião particular. Pensei que todos os vôos para dentro e fora de um país tinham de ser checados pelas autoridades. Subornou alguém? Quer dizer, é o tipo atitude que seus ancestrais tinham, não? Suborno e corrupção.

Kassim estreitou o olhar perigosamente.

— As vezes, é melhor permanecer ignorante sobre certas questões. Especialmente quando se é uma mulher.

Jane fitou-o com indignação.

— Não seja tão conservador. Respondi suas perguntas. Poderia pelo menos ter a delicadeza de responder as minhas. — Examinou o cenário mais uma vez. — Você me tratou bem e eu não o denunciaria às autoridades, se é isso que o preocupa.

Kassim sorriu com ironia.

— Obrigado. Dormirei mais em paz agora.

Jane não gostou do sarcasmo e retrucou:

— Tudo bem! Esqueça o que eu perguntei!

Cruzou os braços e ficou olhando para a frente em silêncio.

— Sabe o que é kef? — Kassim indagou.

— Não.

Jane manteve a cabeça para a frente, ainda brava com ele.

— É maconha — Kassim explicou com paciência. — Existem muitas plantações em Marrocos. A droga é negociada na Espanha e termina indo para a Inglaterra. No passado trabalhei muito próximo às autoridades de seu país para tentar conter esse tráfico peçonhento. Em retorno, eles me permitem algumas concessões de vez em quando nas minhas viagens de negócios.

— Deve ser muito conveniente — Jane observou.

Ia parar o diálogo por aí quando se deu conta de que essa era a abertura pela qual ela estivera esperando. Tornando a voz o mais casual possível, questionou:

— Então não terá problemas se tiver que me levar de volta para casa?

Kassim olhou-a como se houvesse acabado de ser mordido por uma cobra.

— É minha hóspede há menos de dois dias e já está falando em partir?

A reação dele deixou-a surpresa.

— Eu não quis dizer isso. Mas ficarei apenas o quanto você quiser que eu fique.

Kassim prosseguiu como se não houvesse escutado uma palavra do que ela dissera:

— Nesse país, nós nos orgulhamos de nossa hospitalidade. Se estivesse com uma pessoa menos avisada, seu comentário seria encarado como um insulto.

— Tudo bem. Não precisa se ofender.

Kassim fitou-a com ar de suspeita.

— Cansou-se da minha maneira de fazer amor?

Jane engoliu seco, embaraçada.

— Eu... eu não tenho reclamações quanto a isso — assegurou-o. — Você é simplesmente um "medalha de ouro" na cama. Um amante perspicaz e...

— Cuidado — Kassim avisou-a —, sou eu quem costuma usar uma linguagem mais floreada. Esse modo de falar não parece verdadeiro quando utilizado por uma ruiva anglo-saxônica. — Acrescentou após um instante: — Talvez eu não esteja à altura de seus ex-amantes?

Jane indignou-se:

— Não tenho nenhum ex-amante!

Kassim arqueou uma sobrancelha?

— E quanto a Damien?

Ela suspirou, exasperada.

— Ok! Um ex-amante, então. — Mirou-o diretamente nos olhos e disse: — Minha vida passada não tem nada a ver com você, Kassim, embora eu não tenha nada para esconder. Damien e eu fizemos amor algumas vezes. Pelo menos eu pensava que era o que estávamos fazendo. Eu não sabia de nada até conhecer você. Sempre pensei que fosse uma questão de a mulher satisfazer o homem. Todavia, você me mostrou um lado diferente da questão.

Viajaram em silêncio durante uns quinze minutos. Então Jane começou a notar a mudança do cenário em volta. Desde que haviam deixado a cidade, o sol incidira sem piedade em um céu destituído de nuvens. Agora, porém, o lugar à frente parecia escuro, como se a noite houvesse chegado lá primeiro. O efeito era meio assustador. O ar parecia marrom.

Kassim pisou no freio com firmeza e avisou:

— Tempestade de areia.

Havia uma grande duna bem diante deles e ao se dar conta da situação, Jane arregalou os olhos, receosa. Uma enorme parede negra

com cerca de mil metros de altura atravessava o deserto, vindo em direção a eles.

— Não precisa ficar com medo — Kassim tranqüilizou-a. — Pararemos aqui até que ela passe.

Com a boca seca, Jane ficou observando a enorme nuvem negra se aproximar cada vez mais.

— Não seria mais seguro nos escondermos atrás da duna? — perguntou a Kassim.

— Se fizermos isso, seremos enterrados vivos. — Sorriu para ela. — O que foi, Jane? Eu disse que não precisa ficar com medo. Não confia em mim?

Ela olhou-o em silêncio, as mãos apertadas contra o colo. Então observou a tempestade cada vez mais próxima, antes de voltar a fitar Kassim.

— S-sim, confio em você.

Ele desligou o motor do carro.

— Ótimo. Certifique-se de que sua janela está bem fechada.

Meia hora depois, a tempestade os atingiu. O carro deu uma balançada, como que atingido por um enorme punho. O dia transformou-se em noite, seguido pelo som

ensurdecedor de toneladas de areia batendo contra o veículo.

Em pânico, Jane refugiou-se nos braços protetores de Kassim e escondeu o rosto contra o peito dele, como uma criança amedrontada.

Acima do barulho da tempestade, ouviu a voz dele junto ao seu ouvido:

— Não tenha medo, minha rosa. É apenas vento e areia. Não pode nos atingir aqui.

Jane levantou um pouco a cabeça.

— Quanto tempo durará?

— Isso está nas mãos da Alá. Talvez minutos, ou dias se alguém o ofendeu seriamente.

Dias...? Oh, Deus!, pensou Jane. Não poderiam ficar dias parados ali! Pestanejou quando Kassim acendeu a luz do interior do carro. Mesmo o ar de dentro do veículo estava impregnado com uma fina camada de areia que ressecava sua boca e fazia seus olhos arderem.

Kassim havia fechado a túnica com mais força e atravessado o turbante diante o rosto, como uma máscara. Disse para Jane fazer o mesmo com a écharpe que ela estava usando.

— Agora entende por que nos vestimos assim no deserto? — ele perguntou. — E uma proteção contra aquilo que nos agride na natureza: sol demais, areia e vento.

Jane endireitou-se no assento. Com Kassim a seu lado, sentia-se mais fascinada do que amedrontada agora.

— O que acontece se uma pessoa for apanhada por uma tempestade dessa? — perguntou a ele.

— É só ela imitar o que o camelo fizer e a pessoa estará salva — respondeu Kassim. — Deve deitar ao lado dele com as costas para o vento e cobrir a cabeça com o turbante.

Kassim pegou algo no banco de trás e entregou a ela. Era um cantil com água fresca.

— Beba isso. Tirará a poeira de sua garganta.

Depois de tomar a água, Jane sentiu-se um pouco mais calma. Olhou para Kassim com ar curioso.

— Devia estar esperando algo assim. Por isso trouxe a água e tanta comida? Poderemos ficar presos aqui durante dias, como você disse.

Kassim balançou a cabeça e explicou com paciência:

— A comida é um presente para os meus amigos. Raridades que eles quase nunca encontram. Quanto à água... bem, somente um maluco viajaria pelo deserto sem uma provisão suficiente.

— Entendo. Desculpe por todas essas perguntas idiotas.

— Não são idiotas — Kassim contestou. — É perguntando que uma pessoa aprende. Orgulho conduz apenas à ignorância. Para alguém acostumado a viver na Inglaterra, tudo isso deve parecer muito estranho.

Jane entregou o cantil de volta a ele.

— Estranho não é a melhor palavra para descrever isso. — Olhou para a escuridão do lado de fora — Ninguém me encontrará no meio de um deserto como esse.

Kassim deu de ombros.

— Desculpe por fazê-la passar por esse transtorno, mas essa viagem precisava ser feita. Por uma questão de honra e tradição, entende?

Jane franziu o cenho.

— Não, não estou entendendo.

Então ela lembrou do comentário que Kassim fizera no dia anterior, a respeito de os

Homens Azuis avaliarem se ela valia o preço que ele pagara. Naquele momento, pensara que ele estivesse brincando, mas agora já não tinha tanta certeza.

Num impulso, desafiou-o:

— Antes de seguirmos em frente, acho melhor você explicar direito por que está me levando para ver seus amigos. E não quero ouvir mais nada a respeito de “honra e tradição”. Sua honra não o impediu de me tirar de casa e segundo sei da tradição que existe por aqui, você tem o direito de me compartilhar com seus amigos. Respirou fundo e olhou para ele. — É melhor jurar que não irei acordar na tenda de um outro árabe amanhã, senão abrirei essa porta agora e sumirei no meio dessa tempestade.

Para enfatizar o que dizia, segurou o trinco da porta. Kassim passou a mão pelo ombros dela, fitando-a nos olhos ao indagar:

— Sairia mesmo, não?

— Claro que sairia — Jane confirmou.

Kassim continuou a fitá-la, mas acabou soltando-a e exibindo um sorriso.

— Relaxe, Jane. Tem minha palavra de que nada de mal lhe acontecerá.

— Ok, você preferiria ser colocado nu em um poço cheio de escorpiões. Já ouvi isso antes — ela ironizou.

Kassim não pareceu gostar do comentário.

— Muito bem, já que não tenho sua total confiança, virarei o carro e voltaremos assim que a tempestade terminar.

Ótimo!, pensou Jane. Não quisera participar dessa viagem desde o início. Mais uma vez, cruzou os braços sobre o peito e ficou em silêncio.

Entretanto a consciência começou a perturbá-la. Tentou ignorá-la, mas a sensação foi ficando cada vez pior. Não estaria sendo um pouco exagerada quanto a essa questão?, perguntou a si mesma. Afinal, Kassim era um homem de palavra e se dissera que nada de mal lhe aconteceria então poderia confiar nele.

Aos poucos, o barulho do lado de fora foi diminuindo e a escuridão amenizando até a tempestade se dissolver aos poucos, fazendo o sol incidir novamente sobre eles.

Os dois saíram do carro. A parede negra passara por eles e seguira em frente, à procura de novas vítimas.

— Graças a Deus que tudo terminou — Jane declarou com alívio. Olhou para Kassim um instante, então explodiu numa risada. — Se visse seu rosto! Está...

De súbito, parou e se olhou no espelho do carro. Oh, não! Estava toda coberta de poeira e seu rosto parecia o de um palhaço pintado.

Kassim pegou outro recipiente com água e eles a usaram para lavar o rosto. Em seguida, ele examinou o motor do carro. Por fim, quando estavam prontos para partir, Kassim ligou o carro e começou a girar o volante. Porém, Jane pousou a mão sobre o braço dele.

— Mudei de idéia, Kassim. Já que viemos até aqui, vamos seguir em frente e visitar seus amigos árabes.

Ele olhou-a, inexpressivo.

— Quer dizer que está disposta a pôr seu destino nas minhas mãos?

Jane apenas assentiu.

— Ótimo. Sinto-me lisonjeado. Não terá motivo para se arrepender. — Acelerou o carro e sorriu para ela. — Apenas um conselho, Jane. Não os chame de árabes. Eles são berberes.

Continuaram a viagem através do deserto. Kassim foi o primeiro a enxergar o oásis e o indicou para Jane. As ondas provocadas pelo calor criavam formas estranhas, mas logo ela distinguiu a forma surgida no horizonte. Ao chegarem mais perto, ela avistou um grupo de palmeiras. Entre elas, localizavam-se várias tendas.

Duas pessoas montadas em camelos vinham em direção a eles. Kassim parou o carro. Quando os animais se aproximaram mais, Jane viu que os homens estavam armados com rifles. Lançou um olhar nervoso para Kassim.

— Quem são eles?

— Guardas de campo. Ficaremos aqui até que eles me reconheçam.

Tudo aquilo parecia meio assustador para Jane, porém, sem que ela esperasse, Kassim inclinou-se em sua direção e a beijou. Então mandou que ela ficasse sentada e saiu do carro.

Jane esperava que aquele não tivesse sido um beijo de despedida. Porém, pela aparência dos homens que se aproximavam, não dava para ter muita certeza. Trajando túnicas azuis

e turbantes negros, tinham a aparência mais ameaçadora que ela já vira. Olhos muito negros, narizes aduncos e barbas pontudas.

De súbito, abriram os braços ao reconhecerem Kassim. Minutos depois os três se abraçaram, rindo muito. Após trocarem algumas palavras, os dois montaram novamente nos camelos e voltaram para o oásis.

Kassim entrou no carro e sorriu para Jane.

— Poderíamos segui-los, mas prefiro esperar um pouco, por cortesia, para dar a eles tempo de arrumarem a recepção. Dez minutos será suficiente. — Pousou a mão sobre a perna dela. — Precisamos pensar em uma maneira de passar o tempo, Jane. Alguma sugestão?

Ela retirou a mão de Kassim, colocando-a sobre o joelho dele.

— Não tenho nenhuma sugestão. Agora, comporte-se.

Ele suspirou.

— Não temos banho frio no deserto — comentou. — Nesse lugar, o sangue de um homem vive sempre quente. Especialmente quando ele está na presença de uma beleza tão arrebatadora...

— Por que eles são chamados de Homens Azuis? — Jane interrompeu-o.

— Um comerciante inglês atracou em um de nossos portos há muitos anos. A carga que ele trazia era de algodão índigo. Os berberes foram os primeiros a negociar com ele e se vestem de azul desde então. — Sorriu, insinuante. — Mas tenho certeza de que podemos achar algo mais interessante para fazer do que falar sobre isso...

— Por favor, Kassim. Você está me deixando sem graça.

Ele sorriu. Depois de uns dez minutos, Kassim ligou o carro novamente e seguiram em direção ao oásis.

O comitê de recepção estava preparado. Cerca de sessenta homens montados em camelos ergueram seus rifles e atiraram para o alto quando os dois saíram do carro. Kassim acenou, saudando-os em árabe.

— Disfarce esse nervosismo, Jane — sussurrou para ela. — Ninguém vai agredi-la. Levante a cabeça e mostre a eles o fogo do espírito no seu olhar.

Apesar da segurança que Kassim lhe transmitiu, os cinco minutos seguintes foram

os mais tensos que ela já vivera. Em completo silêncio, os homens passaram por eles, cumprimentando Kassim com a cabeça e olhando-a de cima a baixo.

Eram todos altos e esguios, comportando-se com orgulhosa dignidade. Com todos aqueles olhares sobre ela, Jane sentiu-se como um coelho em meio a uma alcatéia de leões. Todavia, lembrando-se do conselho de Kassim, ergueu a cabeça, mantendo uma postura altiva.

Após a inspeção, todos sentaram-se formando um enorme círculo em torno de uma palmeira. Kassim falou brevemente com todos e esperou até que uma mulher saísse de uma das tendas. Vestida de preto, com olhos negros brilhantes acima do véu, aproximou-se e segurou Jane no braço.

— Vá com ela — Kassim mandou. — Aqui, seu lugar com as mulheres, não com os homens.

Ele voltara a adquirir aquele detestável tom machista, entretanto, manteve a fúria sob controle, achando melhor permanecer calada. Algo no olhar dele avisou-a que ela se arrependeria se o contestasse.

A mulher conduziu-a até a tenda, sorrindo e falando uma porção de coisas em árabe. Contudo, Jane apenas balançou a cabeça, forçando um sorriso.

— Desculpe — disse. — Fala francês?

A mulher obviamente não entendeu, mas isso não pareceu diminuir nem um pouco seu entusiasmo.

Na tenda havia mais umas dez mulheres, além de uma dúzia de crianças, de bebês até meninos e meninas com cinco anos. O lugar era muito colorido, em contraste com as mulheres todas vestidas de preto. Todavia, usavam tantas jóias que o conjunto formava uma imagem inusitada.

Apesar de não entender uma palavra do que diziam, Jane logo sentiu-se à vontade diante de tanta hospitalidade. As crianças logo perderam a inibição e cercaram-na. Não demorou muito para ela pegar um bebê no colo, contando com sorrisos de aprovação das mulheres.

Cerca de uma hora depois, Kassim apareceu para apanhá-la. Despediram-se de todos e partiram novamente em direção ao deserto.

Quando o oásis se encontrava a uma boa distância, Kassim riu com ironia.

— Viu só? Está sã e salva. Não a vendi como escrava, como achou que eu faria.

Cansada, Jane recostou a cabeça no ombro dele.

— Parece muito satisfeito consigo. Sua visita foi bem-sucedida? A honra e tradição foram mantidas?

— Perfeitamente. Ficaram muito impressionados com você.

— Ora, é bom saber disso. Então eles disseram quanto eu valia?

Jane dissera de brincadeira, mas a resposta de Kassim deixou-a intrigada:

— Asseguraram-me que fiz uma boa troca. Afirmaram que qualquer homem que não a aceitasse por tal preço seria um idiota.

Jane empertigou-se, voltando-se para ele.

— Desculpe, mas não estou entendendo. Sobre o que está falando? O que quer dizer com "troca" e "preço"?

— Cinquenta mil libras esterlinas — respondeu ele. — Era o que Damien devia à minha família. Quando fui à Inglaterra para cobrar isso dele, ele não tinha o dinheiro.

Então seu ex-amante ofereceu-a em troca. — Tocou a perna dela com a mão direita. — O homem é um idiota, Jane. Você já provou que vale muito mais do que essa barganha.

Jane pensou que fosse desmaiar. Respirou fundo, antes de dizer:

— Tire a mão da minha perna.

Ignorando-a, Kassim acariciou-a de um modo possessivo. Cega de raiva, Jane cravou as unhas no dorso da mão dele e a afastou com um gesto brusco.

— Nunca mais volte a me tocar! — vociferou.

Sem que Kassim esperasse, ela alcançou a chave e desligou o carro de repente, fazendo-o dar vários pulinhos. Então abriu a porta e saiu, mais furiosa do que nunca.

Capítulo VII

Jane havia andado cerca de cem metros quando o carro parou ao lado dela. Kassim abriu o vidro e gritou:

— Volte para cá, sua inglesa teimosa! Esse lugar não é apropriado para caminhadas, como o Hyde Park. É perigoso.

Ignorando-o, Jane fechou o vestido com mais força e seguiu em frente com determinação. Queria que todos os homens fossem para o inferno, Kassim em particular.

Ele acompanhou-a com o carro. Pelo canto dos olhos, Jane viu quando Kassim esmurrou o volante, furioso.

— Esse deserto está cheio de cobras e escorpiões, mulher! — gritou ele.

— Ótimo. Serão melhores companhias do que você.

Ela olhou para o sol intenso e passou a écharpe sobre o rosto.

— Você vai morrer de sede se continuar andando sozinha.

— Vá embora! Deixe-me em paz! — gritou Jane. — Odeio você! Nunca mais quero vê-lo, ouviu?

Kassim revirou os olhos, fitando o céu.

— Alá que me proteja das chantagens das mulheres! — resmungou. — Diga a mim, seu humilde servo, no que eu a ofendi.

— Se tivesse um mínimo de decência, não faria uma pergunta tão idiota — Jane retrucou. — Todavia, não passa de um bruto insensível mesmo.

Kassim adiantou o carro cerca de cem metros e esperou que ela o alcançasse.

— Vai morrer de sede, Jane. Estou avisando...

A sapatilha que ela estava usando não tinha um solado grosso e Jane já estava sentindo os pés queimarem devido à temperatura escaldante da areia. Apressou os passos, mas o carro continuou a acompanhá-la.

— Seria bem feito se eu a deixasse aqui, para aprender uma lição — disse Kassim. — Nesse país só se permite teimosia para as mulas. As mulheres devem obedecer quando recebem uma ordem.

— Então me deixe aqui! Estou pouco ligando para o que possa acontecer! Já disse que nunca mais quero vê-lo.

Kassim olhou-a, exasperado.

— Não posso deixá-la aqui, para morrer torrada. Ainda não obtive todo o lucro da barganha.

Quase explodindo de raiva, Jane pegou uma pedra e atirou na direção dele.

— Deveria treinar melhor essa pontaria — Kassim zombou. — De qualquer maneira, acho melhor economizar suas energias. Vai precisar delas.

O suor começou a escorrer pela testa de Jane e entrou em seus olhos, fazendo-os arderem. Passou o braço pela testa.

— Quer beber alguma coisa? — indagou ele, com polidez. — Que tal uma generosa caneca de água fresca?

Jane não respondeu. Seu esforço já estava se revelando difícil. Sua boca parecia cada vez mais seca. Os pés estavam queimando, mas ela não pretendia desistir. Engatinharia pelo deserto, se fosse preciso.

— Está indo bem — Kassim comentou com sarcasmo, dez minutos depois. — Já andou um quilômetro. Agora só faltam noventa e seis.

O esforço de andar sobre a areia era pior do que ela imaginava. Parecia estar pisando em brasas. Parou um instante para descansar.

— Cansou? — Kassim ironizou.

Jane apenas olhou-o e respirou fundo, voltando a andar em silêncio.

— Dois quilômetros — anunciou ele meia hora depois.

— Agora só faltam noventa e cinco.

Jane já estava zozua com todo aquele calor. Se ao menos pudesse sentar um pouco para descansar... Talvez não fosse uma boa idéia. Por certo não conseguiria levantar de novo.

— Tem certeza de que não está andando em círculo? — Kassim questionou-a. — As pessoas tendem a fazer isso no deserto. Não confie em mim, estou apenas seguindo você.

Jane chegou a sentir receio, mas logo descartou a idéia. Kassim estava apenas tentando amedrontá-la. Desde que mantivesse aquele sol terrível diante de si, estaria na direção correta. Fechou os olhos, fatigada, mas logo voltou a abri-los quando Kassim buzinou várias vezes.

Ele sorriu com ironia e apontou para o céu.

— Urubus — disse. — Eu os estava espantando.

Somente a raiva sustentava Jane agora. Kassim era mesmo um sádico cruel. E pensar que ela chegara a se apaixonar por ele...

— Quatro quilômetros.

A voz pareceu vir de uma longa distância e Jane precisou de alguns segundos para focalizar a mente. Onde estava...? Oh, sim... Deus, como estava cansada... e com calor... morrendo de sede...

De súbito, caiu de joelhos com um grito de desespero. As pernas já não a suportavam mais. A areia queimava a palma de suas mãos, mas ela estava exausta demais para se importar.

Uma sombra surgiu sobre ela.

— Ok, sua ruiva linda e teimosa, já conseguiu o que queria. Agora é hora de voltar para casa.

Kassim inclinou-se e, com infinito carinho, pegou-a nos braços, levando-a até o carro.

— Beba isso — entregou uma caneca a ela. — Não tome de uma vez. Vá molhando a boca aos poucos.

A água fria descendo pela garganta foi a melhor coisa que Jane já experimentara na

vida. Quando a caneca ficou vazia, ela estendeu-a na direção de Kassim.

— Mais — pediu.

Ele encheu a caneca mais uma vez.

— Sua cabeça-dura. Achou mesmo que conseguiria voltar a pé pelo deserto?

Jane lançou-lhe um olhar cheio de ressentimento, mas Kassim sorriu.

— Não, claro que não — ele mesmo respondeu. — É muito inteligente para haver pensado uma coisa dessa. O que atrapalha é esse seu gênio terrível. Eu sabia que ficaria furiosa quando soubesse a maneira como Damien a traiu, mas não esperava que saísse correndo, como um míssil desgovernado.

Jane terminou de beber a água, retraindo a vontade de quebrar a caneca na cabeça dele. Kassim rasgou uma tira da própria túnica e umedeceu o tecido. Jane permitiu que ele a amarrasse na testa dela.

— Eu estava começando a gostar de você — protestou ela. — Pensei que fosse um homem decente, civilizado. Eu deveria ter imaginado que não era nada disso.

— Mas sou civilizado.

— Ah, muito! Isso ficou claro pela maneira como me trouxe para cá — ironizou Jane.

Kassim deu de ombros.

— A idéia foi de Damien, não minha.

— Não faz diferença, droga! Você aceitou a proposta e isso o torna um homem tão mesquinho quanto ele. Sou uma mulher! Um ser humano, e não um animal para ser negociado em troca de uma dívida! Nenhum de vocês deu a mínima importância para os meus sentimentos! — Após uma pausa, acrescentou: — Desculpe se ainda não recebeu o dinheiro de sua família, mas não obterá mais nada de mim.

Kassim suspirou e assentiu. Mais uma vez, apelou para o céu:

— Minha rosa está um pouco mais calma. Todavia, acho que o sol intenso afetou seu cérebro. Em vez de me punir por meus pecados, ela pune a si mesma. Ora, mas os ingleses são conhecidos por suas excentricidades, não? Agora, se ela ao menos me perguntasse por que eu concordei com a proposta, acabaria se prostrando aos meus pés e me agradecendo por haver sido salva de um destino pior que a morte.

Sobre o que diabos Kassim estava falando agora?, Jane perguntou-se.

— Já estou ficando com dor de cabeça, Kassim. Seria muito pedir para ligar o motor dessa geringonça?

Kassim olhou-a. Dessa vez havia mesmo um ar de preocupação no rosto dele. Partiram logo em seguida. A dor de cabeça foi ficando cada vez mais forte até ela finalmente adormecer de pura exaustão.

Quando Jane despertou, encontrava-se na cama, coberta com um lençol de cetim.

Tentou levantar, mas sua cabeça estava zonga demais. Deitou novamente com um gemido.

— Fique quietinha aí — a voz de Kassim soou ao lado dela.

Jane abriu os olhos.

— O que aconteceu?

— Você desmaiou, depois de tomar todo aquele sol. Em parte, a culpa foi minha. Eu não deveria ter deixado. — Após examinar o pulso e medir a temperatura dela, disse: — Não teve nada de grave. Precisa apenas ingerir

bastante líquido e repousar. Quer que eu fique ou que prefere permanecer sozinha?

Por alguma razão ridícula, Jane desejou que ele ficasse.

— Faça o que achar melhor — respondeu.
— Pouco me importa.

Ele sentou-se ao lado da cama.

— Ótimo. Nesse caso, ficarei. Embora esteja tentando esconder, há uma sombra de solidão nesse seus lindos olhos. Um apelo silencioso que um homem não pode ignorar

— Não é solidão — contestou ela. — É aborrecimento.

— Muito bem, então farei o possível para não aborrecê-la. Sobre o que conversaremos?

— Vamos falar sobre o acordo que você fez com Damien. Sempre pensei que ele fosse competente no trabalho. Como terminou devendo todo esse dinheiro?

— É uma longa história.

— E daí? Não posso sair daqui mesmo.

Kassim suspirou.

— Não quero magoar seus sentimentos lembrando todos aqueles detalhes sórdidos.

Jane estreitou o olhar.

— Não se incomode com isso. Não pode fazer com que eu me sinta pior do que já estou me sentindo. Quero saber como acabei sendo trocada como um saco de batatas.

— Não houve nenhuma troca, eu lhe asseguro.

— Não? — Jane arqueou uma sobrancelha. — Quer dizer que cinqüenta mil libras é a quantia paga hoje em dia por uma mulher? Mesmo uma de segunda mão, como eu?

Kassim ficou de pé.

— Acho melhor eu sair. Você precisa ficar calma para se recuperar. Minha presença aqui parece enervá-la demais.

— Oh, sente aí e não tente fugir — Jane repreendeu-o. — Estou calma, mas não conseguirei dormir enquanto não souber o que aconteceu.

Kassim voltou a sentar. Hesitou um momento e respirou fundo.

— Tudo começou por causa de um sobrinho meu. O nome dele não importa.. Basta dizer que, até conhecer Damien, ele era tido como um membro promissor da família. —

Levantou a vista para ela: — Avise quando estiver cansada e pararei de falar.

— Continue, por favor.

— Meu sobrinho havia sido enviado para a Escola de Economia de Londres. Tinha um apartamento em Chelsea e dinheiro suficiente para cobrir as despesas de pelo menos dois anos. Entretanto estava lá a apenas seis meses quando escreveu contando que estava sem nenhum centavo e que precisava de mais dinheiro. O pai do rapaz está morto, então a mãe dele pediu ajuda a mim. Ordenei que ele voltasse para casa e se explicasse.

— Suponho que foi aí que Damien entrou na história? — Jane inquiriu. — Maus conselhos financeiros?

— Existem bons e maus consultores financeiros. Damien não é nenhuma das duas coisas. É a mais vil das criaturas que já conheci. Quando meu sobrinho confessou que havia perdido o dinheiro em apostas, pedi a um dos meus consultores em Londres para iniciar uma investigação. Parece que seu ex-amante é...

— Pare de chamá-lo assim! — protestou Jane. — Ex-noivo, por favor.

— Rendo-me ao seu desejo — replicou Kassim com uma irônica mesura. — De agora em diante, chamarei-o apenas pelo primeiro nome. Essa criatura, chamada Damien, colocou as mãos sujas em várias empresas. Há uma boate em Soho, onde existe de tudo, desde cassino, tráfico de drogas e até prostituição. Ele tem ligação com esse lugar e sua função é levar clientes abastados para gastarem dinheiro por lá. Ele ganha dez por cento do valor que cada cliente perde. No caso do meu sobrinho, foram cinqüenta mil libras.

— Seu sobrinho perdeu tudo isso em uma noite?

— Não. Foi durante uma série de quatro noites. Na primeira ele ganhou oitocentas libras, mas isso foi apenas uma isca para terem certeza de que ele voltaria depois.

Jane franziu o cenho.

— Sem dúvida, Damien agiu comigo como um lobo em pele de cordeiro. Nunca desconfiei de nada.

— Charme, Jane. Ele sabe usar muito bem esse artifício. E ele tinha você.

— Eu? Mas não tive nada ver com isso!

— Claro que não teve. Mas ele precisava de uma garota como você. Não apenas um rosto bonito, mas honesto. Você era a cobertura perfeita para os negócios ilegais dele.

Deus, como ela fora idiota! Isso explicava muita coisa! Então esse era o motivo pelo qual Damien vivia saindo durante as festas para tratar de "negócios". Olhou para Kassim:

— Então foi por isso que você viajou até Londres! Para confrontá-lo e pegar o dinheiro de volta!

Kassim deu de ombros.

— Era meu dever. O nome e a reputação da minha família estavam em jogo. Disse a ele que se não pagasse o que devia, eu providenciaria para que ele nunca mais pudesse gerar um filho. Foi então que ele ofereceu você em troca da dívida — acrescentou ,com um sorriso.

Jane continuou olhando-o, esperando o que mais ele tinha a dizer.

— Depois que você saiu da festa, eu disse ao seu ex-, quer dizer, ao patife, que aceitava a proposta com uma condição: a de que ele me ajudasse no rapto. Ele aceitou no mesmo instante, como suspeitei que faria. Avisou-me

que daria um jeito para que você ficasse sozinha em um chalé em Kent. — Ergueu a mão quando Jane fez menção de protestar. — Não me arrependo do que fiz. As razões me pareceram boas demais para serem desperdiçadas.

— Que razões?

— Bem, admito que a perspectiva de fazer amor com você foi a principal, mas havia outras. Fui a Londres para humilhar e me vingar daquele cretino. Não poderia haver uma maneira melhor de fazer isso do que ficando com a mulher que seria esposa dele.

— Oh, entendo. Um troféu para o vencedor. Bem, pois até onde sei você conseguiu o que queria. E já que não vou mais me casar com Damien, sua vingança perdeu o sentido, portanto não tem mais motivo para me manter aqui.

Com isso, ela deu um fim abrupto à discussão. Notou quando Kassim enrijeceu o maxilar, antes de ficar de pé.

— Precisa descansar, Jane. Kebira dormirá neste quarto essa noite, caso você precise de alguma coisa.

Jane esperou até que ele saísse e olhou para o teto, tomando uma decisão: no dia seguinte, exigiria que Kassim a levasse de volta para casa.

Capítulo VIII

No dia seguinte, Jane sentiu-se recuperada o suficiente para ir tomar o desjejum no andar de baixo. Encontrou Kassim tomando o dele à beira da piscina, como de costume.

— Bom dia, Jane — cumprimentou-a com polidez. — Espero que tenha dormido bem.

— Sim, obrigada.

— Vejo que está bem mais disposta. Iremos à praia hoje. A água do mar ajudará a cicatrizar as queimaduras dos seus pés.

— Não irei a lugar nenhum. Quero voltar para a Inglaterra, Kassim. Não posso ficar aqui para sempre. Preciso continuar com a minha vida.

Por um instante, Jane pensou que ele fosse pedir para ela ficar. Porém, a resposta de Kassim surpreendeu-a:

— Entendo. Providenciarei o vôo, então.

Jane chegara a sentir um lampejo de esperança, mas ao ouvir as palavras de Kassim, ele logo desapareceu.

— E posso saber quanto demorará? — perguntou a ele.

— Cerca de três dias. O avião não está à minha disposição no momento.

Ela notou um tom de lamento na voz dele. Perguntou-se se Kassim estaria triste por ela haver decidido ir embora ou porque ainda demoraria três dias para se livrar dela.

— Três dias então — disse, por fim. — Terei algum tempo para comprar mais amostras no mercado.

— Amostras? — ele arqueou uma sobrancelha.

— Sim, pretendo retomar a sociedade com a minha amiga em Londres.

— Está querendo dizer que essas butikues podem vender os artigos fabricados nos guetos de Marrocos?

— Claro! Tenho certeza de que farão muito sucesso em Londres.

Kassim ergueu a xícara.

— Então desejo-lhe toda a sorte do mundo em seu novo empreendimento, Jane.

— Gostaria que você deixasse Kebira fazer o controle de qualidade dos artigos enquanto eu estiver em Londres. Ela sabe exatamente o que quero.

— Claro — Kassim aprovou a idéia. — Providenciarei um prédio para abrigar todo o pessoal contratado para a confecção dos produtos. — Diante do espanto de Jane, acrescentou: — Não se preocupe. Não pretendo me intrometer nos seus negócios. Quero apenas ajudar as pessoas do meu país.

Era muito mais do que Jane poderia esperar. Sentiu-se embaraçada diante de tanta generosidade.

— É muito gentil de sua parte, Kassim.

— É o mínimo que posso fazer, Jane. Sinto muito orgulho de você e quero que seu negócio seja bem-sucedido.

Não era bem isso que ela esperava ouvir, mas era melhor do que nada.

— Obrigada.

— Facilitarei as coisas para você. Se decidir voltar, é só telefonar para a nossa embaixada em Londres. Eles entrarão em contato comigo e dentro de seis horas meu avião irá apanhá-la em Heathrow.

Aceitando o convite de Kássim como uma espécie de despedida, Jane acompanhou-o até a praia.

Depois de nadarem durante um bom tempo, voltaram para a areia e sentaram sobre as toalhas.

— Puxa, toda essa natação me deu uma fome! — exclamou Jane.

— Bem, deve haver um cesto com comida no porta-malas do carro. Se não houver, quando voltarmos mandarei que suspendam o cozinheiro pelo polegares em cima de um caldeirão com óleo fervendo.

Era o tipo do comentário que Kassim vivia fazendo, mas não levava a sério.

— A idéia foi sua de vir nessa praia deserta, longe de tudo e de todos. Se morrermos de fome, será por sua causa — Jane brincou.

A reação de Kassim surpreendeu-a mais uma vez:

— Tem toda razão. Um homem que falha em fornecer conforto e segurança para sua mulher não ,é digno do nome.

— Ouça... não precisa levar meu comentário tão a sério. Não estou com tanta fome assim. Falei de brincadeira, só isso.

As palavras não alteraram nem um pouco a expressão sombria de Kassim.

— Para mim não foi uma brincadeira.

Intrigada com o comportamento de Kassim, Jane apenas olhou-o em silêncio e ficou de pé, encaminhando-se para o carro. Encontrou o cesto no porta-malas e levou-o até Kassim, entregando-o a ele.

— Pronto! Agora pare de ser tão dramático. Está estragando nosso dia.

Ele permaneceu pensativo por um momento, fitando o horizonte a distância. Porém, logo se recuperou e deu de ombros.

— Outra falta minha — afirmou. — Temos tão pouco tempo juntos e em vez de aproveitar cada precioso segundo, simplesmente tento estragar tudo.

— Bem, não tenho muita certeza a respeito do que você se sente culpado — salientou ela —, mas o que já foi feito não pode

ser mudado, portanto é tolice se preocupar. Você mesmo me disse isso, lembra? Afirmou que cada dia de nossas vidas era uma página em branco a ser escrita.

Os olhos azuis observaram-na com surpresa.

— Palavras de uma mulher sensata. Entretanto, um homem deve encarar a verdade a respeito de suas falhas, caso contrário, vale menos do que a areia onde pisa.

Jane franziu o cenho, cada vez mais perplexa.

— Ainda não consigo entender. A respeito de quais falhas você está falando?

— Não importa — respondeu Kassim abrindo o cesto e retirando uma garrafa de vinho com um gesto floreado. — A vida deve continuar. Vamos aproveitar a companhia um do outro enquanto ainda podemos.

Comeram e beberam em silêncio durante alguns minutos, imersos em seus próprios pensamentos. Kassim foi o primeiro a falar:

— Quando eu levá-la para casa, pretendo passar algum tempo em Londres.

Mesmo com o coração acelerado, Jane fingiu um tom casual ao comentar:

— Londres é um lugar movimentado. Sem dúvida encontrará muito o que fazer por lá.

Após tomar outro gole de vinho, Kassim respondeu:

— Gostaria de saber mais detalhes sobre esse novo negócio que você pretende começar. Se for tão bom quanto diz, também pretendo investir algum dinheiro nele. Isso lhe dará um capital extra, caso precise.

Jane sorriu, agradecida.

— Tudo bem, mas por que um homem rico como você estaria interessado em uma pequena cadeia de butikues? Não pensei que se interessasse por isso.

— Tenho minhas razões. Está interessada, ou não?

— Isso não depende apenas de mim. Preciso saber a opinião de Sally.

— Resolveremos o problema quando chegar o momento. Por enquanto quero saber apenas a sua opinião. Tem alguma objeção em fazermos uma sociedade? Serei uma espécie de sócio silencioso, sem interferir no seu método de trabalho.

Depois de pensar algum tempo, Jane respondeu:

— Você estará correndo um grande risco.

— Gosto de correr riscos — declarou Kassim com um sorriso confiante.

— Que tipo de retorno você espera obter com esse investimento?

— Digamos que pretendo aumentar meu saldo bancário.

Jane mordeu o lábio pensando nas conseqüências. O lado frio e lógico da razão dizia-lhe que seria melhor romper definitivamente com esse homem. O problema era fazer seu coração ouvir isso.

Percebendo a dúvida no rosto dela, Kassim acrescentou num tom persuasivo:

— Claro que mesmo como um sócio silencioso terei de aparecer uma vez ou outra para ver como as coisas vão indo. Daria-nos uma chance de manter nossa amizade e eu gostaria muito que isso acontecesse, Jane.

Amizade?, pensou ela. Quem ele pensava que estava enganando? Por que não afirmava de uma vez que queria mantê-la como amante sem nenhum compromisso mais sério?

Olhou-o com determinação.

— Não me parece uma boa idéia, Kassim. Preciso pensar nisso com muito cuidado.

Ele aceitou a decisão com um suspiro resignado, como se não fosse nada além do que ele já esperava.

— Não existe nenhuma outra intenção ligada à minha oferta, Jane. Eu nunca iria querer que você fizesse algo que fosse contra seus princípios.

— E eu já disse que pensarei no assunto.

— Ótimo.

Dois dias depois, Jane fez uma última visita ao mercado com Kebira. O avião a levaria para Londres na manhã do dia seguinte, e essa seria sua derradeira oportunidade de obter amostras dos artigos que levaria consigo.

Quando Kebira recebera a notícia, ficara inconsolável diante da idéia de perder sua nova patroa. Olhou Jane com olhos tristes e perguntou:

— Pourquoi?

— Por que estou indo embora? Porque não tenho mais nada para fazer aqui, Kebira. Se Kassim me amasse, eu ficaria. Ele teria apenas que pedir, só que não fez isso. — Sorriu, frustrada. — Sei que não entende uma palavra do que estou dizendo, mas se pelo menos eu

conseguir desabafar a respeito, talvez consiga tirá-lo da minha cabeça.

Kebira a olhava como se entendesse o que ela estava dizendo. Solidariedade feminina, talvez. Jane prosseguiu:

— Na verdade, não o culpo por nada. Houve um tempo em que eu não queria me ligar a ninguém. Sentia-me culpada pelo que acontecera aos meus pais. É mais ou menos como se eu sentisse a mesma coisa com relação a Kassim. Ele tem uma vida completa e ocupada. Ainda não precisa de uma esposa. Não está preparado para um compromisso mais sério. Por outro lado, também não quero me tomar amante de ninguém. — Suspirou. — Claro que também posso estar errada. Porém, essa me parece a melhor solução no momento. — Abraçou Kebira e acrescentou: — Mas você não precisa se preocupar. Continuará trabalhando para mim. Será minha secretária aqui em Marrocos. Kassim me cedeu seu trabalho. Quando tudo estiver encaminhado, levarei-a para Londres durante algum tempo. Conhecerá Sally, visitará nossas lojas e aprenderá a falar inglês.

Kebira a olhava em silêncio, o rosto levemente franzido. Quando chegaram ao mercado, Jane seguiu Kebira pelos corredores estreitos até chegarem em uma parte que ainda não haviam visitado.

Como antes, o local estava muito movimentado. Por todo lado ouvia-se barulho de vozes e música. Seguiu Kebira de perto, até a moça passar pela porta estreita de uma loja. Um velho que se encontrava atrás do balcão aproximou-se das duas. Kebira dirigiu-se a ele com polidez, explicando o que desejavam. O homem assentiu e começou a selecionar amostras de seu trabalho. Cintos de couro, casacos bordados e sapatilhas femininas.

Impressionada com a maciez do couro e a qualidade do trabalho, Jane comprou várias peças e pediu que fossem entregues na casa de Kassim, à noite.

Depois entraram em outra loja. Enquanto examinava alguns colares de conchas em uma vitrine, Jane teve novamente a estranha sensação de estar sendo observada. Virou-se de repente, deparando-se com um mar de rostos onde cada um parecia preocupado com seus próprios assuntos.

O que havia de errado com ela, afinal?, perguntou-se. Nunca fora do tipo nervoso, mas tivera a mesma sensação da última vez em que visitara o mercado. Lançando mais um olhar desconfiado para a multidão, procurou ignorar a sensação, mas manteve a bolsa bem junto de si enquanto seguia Kebira.

Visitaram outras lojas, mas a impressão de estar sendo observada continuou a incomodar Jane. O receio de fazer papel de tola na frente de Kebira a impediu de dizer alguma coisa. Afinal, tudo poderia ser apenas fruto da sua imaginação.

Entretanto, estava passando por um dos corredores escuros que ligavam algumas lojas, com Kebira poucos passos adiante, quando um homem a agarrou por trás. Um braço cercou sua cintura, levantando-a do chão, e com a outra mão ele tapou a boca de Jane, impedindo-a de gritar.

Sua última visão foi Kebira se afastando, alheia ao que acontecera. Em seguida, foi amordaçada, antes que colocassem um saco em sua cabeça. O homem empurrou-a para a frente, obrigando-a a seguir pelo corredor

escuro em uma outra direção. Às vezes era guiada para a esquerda ou direita.

Quem quer que fosse a pessoa que estivesse fazendo isso com ela prestaria contas a Kassim, e teria sérios problemas. Depois de uma caminhada que pareceu durar uma eternidade, o estranho a fez descer uma escada. Ouviu uma porta se fechar atrás de si e o saco foi finalmente tirado da sua cabeça.

Capítulo IX

Pestanejando sob a luz forte, Jane não teve nem tempo de olhar em volta: foi atingida nas costas e caiu no chão. Apoiou-se nas mãos e joelhos, ofegante de dor. Levantou a cabeça e olhou em volta, aturdida.

Opulência decadente, foram as palavras que lhe vieram à mente. No aposento havia uma ampla cama forrada com um lençol preto de cetim. Espalhadas pelo chão, almofadas vermelhas e douradas completavam a estranha

decoração. Um perfume doce e enjoativo recendia pelo ar. Também havia estátuas de bronze. Jane olhou para uma delas, mas logo desviou a vista diante da obscenidade. As pinturas eram do mesmo estilo. Não era preciso muita imaginação para se deduzir a finalidade do aposento.

Tremendo de raiva e medo, conseguiu ficar de pé e encarar seu oponente. Ele estava diante da porta fechada, com as pernas afastadas e os braços cruzados sobre o peito. Trajava uma túnica preta e um turbante sujo.

— Saia da minha frente! — gritou Jane, apesar do medo. — Quero sair daqui agora mesmo!

O homem gritou uma porção de palavras ameaçadoras em árabe. Jane olhou em volta, exasperada. Esse negócio de seqüestro já estava se tornando um hábito na sua vida. Kassim fora responsável pelo primeiro, mas quem planejava esse? Estava claro que esse rufião diante dela estava apenas obedecendo ordens. Não parecia ter cérebro suficiente para elaborar um plano de seqüestro. Então para quem ele trabalhava? E que interesse teriam nela?

Sentindo que a única saída seria não demonstrar medo, empertigou-se com altivez e disse:

— Creio que não sabe com quem está lidando. Ordeno que me liberte imediatamente, ou será pior para você.

O homem voltou a falar uma porção de palavras em árabe.

Jane desanimou. Se ele não entendia inglês, não haveria como ameaçá-lo. Desesperada, olhou-o com fúria e gritou:

— Kassim Riffik! Já ouviu falar em Kassim Riffik, não?

O homem parou de falar e observou-a. Não era lá uma grande reação, mas já significava alguma coisa.

— Kassim Riffik! — ela gritou novamente. Apontou para si mesma. — Pertença a ele, entendeu, seu horroroso? Kassim vai arrancar sua língua e jogá-la para os cachorros!

— Kassim Riffik não fará nada — disse uma voz atrás dela.

Jane virou-se no mesmo instante. O homem que falara era baixo e tinha olhos meio saltados. Jane reconheceu-o no mesmo instante e vasculhou a memória, tentando lem-

brar o nome dele. Hassan! O homem que se divorciara

de três esposas!

— Você?! É o responsável por isso?

Ele curvou os lábios com ironia.

— Vejo que me reconheceu, srta. Peters.

— Diante do olhar surpreso de Jane, acrescentou: — Sim, fiz investigações a seu respeito, inglesa. Seu nome, onde vive e por que está em Marrocos.

Mandou o outro homem sair do quarto. Voltou a olhar para Jane.

— Não adianta tentar fugir porque ele está do lado de fora.

— Tudo bem — Jane anuiu. — Não sei qual é o seu jogo, mas quando Kassim souber...

— Já disse que ele não poderá fazer nada — Hassan retrucou. — Ele nunca irá encontrá-la. Muito poucas pessoas sabem da existência desse apartamento. Apenas um ou dois dos meus melhores amigos. Essa será sua casa pelos próximos dois anos, srta. Peters. Sugiro que comece a se acostumar à idéia.

Jane ficou perplexa demais para conseguir falar de imediato.

— Está louco! — exclamou, por fim. — Não pode me manter aqui! E não se aproxime de mim! — avisou quando ele deu um passo adiante.

— Não se preocupe. Seria tolice da minha parte estragar meu produto. — Hassan acendeu um cigarro. — Tenho certeza de que deve estar morrendo de curiosidade. Bem, às explicações podem ficar para depois. Primeiro, quero lhe mostrar meu pequeno ninho de amor. Eu me orgulho muito dele.

— Ninho de amor?—Jane disfarçou um estremecimento. — Não comece com segundas intenções, seu... seu réptil!

Hassan empurrou-a sobre a cama, ao ouvir o insulto.

Apavorada, Jane conseguiu levantar logo, mas ele acertou-a novamente, derrubando-a no chão.

Apoiada sobre as mãos e os joelhos, ela lutou para recuperar o ar.

— Você vai pagar por isso — disse entre os dentes, os olhos cheios de lágrimas.

Hassan acionou uma campainha. Uma mulher trajando um xale preto por cima da túnica amarela apareceu carregando uma

bandeja. Sem olhá-los, depositou-a sobre uma mesinha e se retirou.

— Aquela era Fátima — disse Hassan. — Ela trará sua comida e o que mais você precisar. Basta apertar esse botão para chamá-la. Como pode ver, ela já trouxe seu café.

Encheu a xícara e a entregou a Jane. Ela aceitou-a, mas jogou o conteúdo na direção dele. Hassan conseguiu desviar-se a tempo e a esbofeteou. Mais uma vez, Jane se viu no chão, dessa vez zonza demais para conseguir levantar.

— Se abusar da minha paciência, da próxima vez trarei um chicote para mantê-la na linha!

— Só é durão assim com mulheres, não? Da última vez em que o vi, na casa de Hassim, seus joelhos estavam tremendo.

A expressão de Hassan tornou-se mais sombria.

— Aquele porco berbere me humilhou, mas agora Alá mostrou-me como obter vingança.

— Mas Kassim não tem culpa se você não é homem suficiente para gerar um filho.

— Feche essa boca, mulher! — ele vociferou. — Você é estrangeira, não sabe nada a respeito de nossos antigos costumes.

Jane olhou-o em silêncio. Melhor não retrucar. Ele já a esbofeteara uma vez, da próxima poderia ir mais longe. Hassan prosseguiu:

— Com o passar do tempo, Kassim fez muitos inimigos poderosos. Conheço todos eles. Homens da cidade e das tribos do deserto. A essa altura, meus mensageiros já estão entrando em contato com eles e convidando-os para virem até aqui. Pode imaginar o prazer que eles terão diante da idéia de violar a mulher do pior inimigo deles?

Jane sentiu o sangue gelar em suas veias. As pessoas ouviam falar sobre coisas assim, mas nem em seus piores pesadelos imaginavam que poderia acontecer com elas. Ela precisava pensar em algo. Qualquer coisa!

Hassan assistia as mudanças em seu rosto com evidente divertimento.

— Kassim Riffik terá de procurar uma noiva em outro lugar. Quem sabe eu também não mande seqüestrá-la? Assim terá alguém

com quem dividir suas tristezas e eu ficarei ainda mais rico.

— Você é mais doente do que eu pensava, Hassan. Deveria ter apurado melhor os fatos. Kassim não tem intenção de se casar comigo. Se seus espiões tivessem feito o trabalho direito, teriam lhe dito que Kassim vai me levar de volta para Londres amanhã cedo.

— Pare de mentir, mulher. Ele a levou até os Homens azuis, não?

Jane deu de ombros, perguntando-se onde ele estaria querendo chegar.

— Sim. Apenas uma visita social, e daí?

— Eu disse que você era ignorante a respeito dos nossos costumes. Na tribo de Kassim, é costume o chefe apresentar aos outros membros a mulher que deseja para esposa. Principalmente se ela for estrangeira.

Jane pensou um instante.

— Não acredito em você — replicou. — Ele teria me dito se essa fosse a intenção.

Hassan deu de ombros.

— Problema seu, se quer ou não acreditar. - Abriu a porta e sorriu com desdém. — O primeiro de seus clientes chegará amanhã. Faça o dinheiro que ele gastara valer a pena,

senão você vai se arrepender depois. Até lá deixarei-a sozinha com seus pensamentos.

Isso era loucura, Jane conclui. Kassim acabaria encontrando a ou alguém que testemunhara seu seqüestro. Consultou o relógio. Apenas uma hora havia se passado desde que ela chegara ali. Mais parecia um século.

Já era tarde da noite quando ouviu a porta que ligava o quarto à cozinha ser aberta. Viu a uma mulher depositar outra bandeja sobre a mesa e se retirar sem dizer nada.

Jane não estava com a mínima fome. O medo e a tensão haviam roubado seu apetite. Entretanto, sabia que tinha de se alimentar para não perder as forças.

Na bandeja havia outra xícara de café e uma tigela com frango ensopado, e legumes cozidos. Sem muito entusiasmo pegou a colher e começou a comer. Conseguiu Ingerir metade do prato, mas depois deixou-o de lado. Tomou um pouco de café.

Por mais que tivesse medo de admitir, não parecia que alguém estivesse vindo em seu socorro. Se Kassim conhecesse esse lugar, a essa altura já teria chegado.

Não, não podia perder a esperança. Hassan não conseguiria atingir o objetivo de deixá-la maluca. Precisava ocupar seus pensamentos com outras coisas, em vez de ficar se torturando sobre seu destino.

Decidida, foi até a estante e pegou um dos volumes. Ao abri-lo fez uma careta de desgosto. Estava escrito em árabe, mas as figuras não precisavam de nenhuma explicação. Sexo e mais sexo. Os outros livros eram do mesmo estilo.

Levou alguns volumes até a mesa e começou a folheá-los metodicamente. Três horas depois, seus dedos já estavam doendo e todos os livros da estante se encontravam no chão.

Olhando o resultado com satisfação, ficou de pé. Hassan provavelmente teria um ataque quando visse o que ela fizera. Pouco importava. Já não tinha tanta certeza se valeria a pena acreditar na sorte do seu destino.

Exausta, acabou adormecendo no chão, sobre as almofadas. Sonhos apavorantes invadiram seu sono, deixando-a inquieta e ofegante. Em um deles, mais vivido do que os outros, ela viu-se presa em um canto, sendo

atacada por vários homens. No meio deles, Hassam gritou com ela, ordenando-lhe para tirar a roupa.

Ele gritou novamente e Jane abriu os olhos no mesmo instante. Não era sonho! Ouviu gritos pavorosos vindos da cozinha. Com os olhos arregalados de medo, ela ficou de pé, segurando uma almofada diante de si num gesto de autoproteção.

A porta foi aberta de repente. Jane soluçou de puro alívio, correndo para os braços de Kassim.

— Ah, Deus... Eu sabia que você viria...

— Shh, minha rosa — ele murmurou ao ouvido dela. — Está salva agora.

Atrás dele, Hassan se debatia, tentando se livrar das garras de dois dos Homens Azuis que Jane conhecera no oásis.

— Machucaram você? — Kassim perguntou a ela.

Sobressaltada pela onda de alívio e emoção, Jane conseguiu apenas balançar a cabeça que não.

Kassim segurou o queixo dela entre o indicador e o polegar, fazendo-a fitá-lo nos olhos.

— Quero saber se encostaram ao menos um dedo em você — insistiu.

Jane deduziu o que ele estava querendo saber.

— Eu estou bem, Kassim. Ele não fez nada desse tipo. Apenas me esbofeteou.

Kassim apertou os lábios, voltando-se para Hassan com um olhar absolutamente enfurecido.

— Você ousou bater nela, seu verme?

Os lábios do árabe tremeram.

— E-eu juro que foi um acidente, Caid. Não tive intenção de agredi-la. Juro por Alá.

— Silêncio! — Kassim trovejou. — Mencione o nome de Alá novamente e seus lábios serão colados para sempre. — Kassim olhou em torno de si. — Que lugar é esse?

— É o quarto — Jane respondeu. — Um lugar imundo.

Determinado a examinar o lugar, Kassim visitou os outros aposentos. Voltou minutos depois, com uma expressão de desgosto. Segurou o pescoço de Hassan com uma mão.

— Esse lugar será destruído. Apagado do mapa, ouviu? E eu deveria fazer o mesmo com você, seu idiota.

Deu uma ordem a um dos Homens Azuis, que não demorou em passar uma corda pelo pescoço do árabe. Jane adiantou-se até Kassim e segurou-lhe o braço.

— N-não vai enforcá-lo, vai? — questionou, amedrontada. Kassim sorriu.

— Ele é um cachorro, e como tal deve ser mantido na coleira, só isso. Daqui a algum tempo, será bem capaz que preferir ter sido enforcado. Será levado para o oásis, para servir de escravo para as mulheres.

A um sinal de Kassim, os homens levaram Hassan.

— Venha, minha rosa — disse ele, tomando a mão dela. — Vou levá-la para casa.

Capítulo X

Já fazia alguns minutos que Jane estava tomando o desjejum na manhã seguinte quando Kassim apareceu.

— Bom dia, minha rosa. Dormiu bem?

— Sim, obrigada.

— Eu estava checando o avião. Poderemos partir quando quiser. Chegará em Londres a tempo de almoçar um pouco mais tarde. — Tocou a mão dela sobre a mesa. — Ainda gostaria de ir com você, Jane. Minha oferta de investimento ainda está de pé. Nada de segundas intenções. Você prometeu que iria pensar.

O coração de Jane se acelerou. Depois dos eventos da noite anterior, ela sabia com toda certeza que Kassim estava apaixonado por ela. Também conhecia a razão pela qual ele nunca poderia se casar com ela. Ainda assim, achava que valeria a pena arriscar.

— Sim, Kassim — respondeu. — Quero que venha comigo.

Ele afagou a mão dela.

— Ótimo. Não mereço isso, mas graças à sua decisão, será bem mais fácil encarar minha dor.

Jane mudou de assunto:

— Quer me contar como conseguiu me encontrar ontem à noite?

Hassan parecia muito convencido de que ninguém conhecia o lugar.

Kassim sorriu com divertimento..

— Os caminhos de Alá são sempre estranhos mesmo — Comentou. — Ele nos enviou um guia. Um mendigo cego, para ser mais exato. O homem conhecia Hassan muito bem e se ofereceu para nos ajudar.

— Cego? — Jane espantou-se.

Kassim assentiu.

— Quando Kebira entrou em casa correndo e nos disse que você havia desaparecido de repente, suspeitei de Hassan no mesmo instante. — Após uma pausa, prosseguiu: — Fui um idiota. Sabia que ele daria um jeito de querer se vingar, mas nunca passou pela minha cabeça que fosse através de você. Enviei um mensageiro para trazer dez dos homens da minha tribo. Se fosse necessário, derrubaríamos cada tijolo dessa cidade para encontrá-la. Kebira nos levou até o local onde você havia desaparecido. Começamos a perguntar por você em cada uma das lojas. Quando os Homens Azuis chegaram do deserto, todos na cidade já sabiam que eu estava procurando Hassan. Foi então que o mendigo cego me procurou para oferecer ajuda. — Kassim sorriu. — Nem é

preciso dizer que ele nunca mais precisará pedir esmolas. Recompensei-o com uma quantia suficiente para sustentá-lo pelo resto da vida.

— Mas se ele era cego...?

— Quando um homem é privado de um determinado sentido desde a infância, ele acaba desenvolvendo mais os outros. No caso do mendigo, foi o sentido do olfato que mais se desenvolveu. Ele nos disse que sempre sabia quando Hassan passava pelo forte cheiro de charuto a que ele recendia.

— Sei bem o que é isso — Jane respondeu. — Recebi no rosto algumas baforadas daquele charuto horrendo.

— Deveríamos agradecer a Alá por Hassan ter esse vício. Com a ajuda do mendigo, conseguimos localizá-lo dentro de meia hora. O homem literalmente "farejou" a trilha.

— E quanto àquela mulher que me servia comida?

— Não acredito que ela soubesse onde estava metida. Não merece ser punida.

— Irmã Mary está cuidando dela. Será levada para um abrigo.

Jane olhou-o de alto a baixo, curvando os lábios num sorriso.

— Vai para Londres vestido assim?

Kassim arqueou uma sobrancelha.

— Haveria algum empecilho se eu entrasse em uma de suas butikues vestido com uma túnica azul e turbante preto? Não seria bom para os negócios?

O problema era que ele estava tão atraente que ela sentia receio de uma possível reação feminina em Londres.

— Não tenho nenhuma objeção, desde que tome cuidado para não ser atacado por nenhuma mulher — sorriu para ele.

— Pode deixar, saberei me proteger — Kassim também sorriu.

Quando chegaram diante da butikue na movimentada Kings Road, o motorista ignorou o sinal de "proibido estacionar" e parou a limusine bem diante da porta.

Ao notar que Kassim pretendia sair, Jane tocou o braço dele e exibiu um sorriso de apelo.

— Não precisa ir agora — disse a ele. — Fique aqui enquanto vou buscar Sally.

Os olhos azuis adquiriram um brilho de divertimento.

— Como quiser — respondeu ele. — Aposto que quer avisar a meu respeito. Preparar sua amiga para o pior, não?

— Mais ou menos — Jane riu. — Afinal, você é do tipo de homem que as mães previnem as filhas para não se aproximarem.

Saiu do carro antes que ele fizesse algum outro comentário.

Sally saudou-a com um caloroso abraço, mas franziu o olhar por cima do ombro de Jane.

— Não poderão deixar o carro ali, Jane. Os guardas adoram dar multas por aqui.

— Não poderão mexer com aquele carro — ela explicou. — Ele tem a insígnia da embaixada de Marrocos.

Sally arregalou os olhos, surpresa. Ficou ainda mais espantada ao se aproximar da porta da boutique.

— Oh! Meu pobre coração! Mas quem é aquele deus sentado no banco de trás? Ele é real ou apenas produto da minha imaginação? Não pode ser seu noivo. Você disse que Damien tinha cabelos castanhos.

— Terminei com Damien. Por isso vim até aqui sozinha, para avisá-la que o homem sentado na limusine não pode nem ouvir falar no nome de Damien. Bem, trata-se de uma história muito longa e não tenho tempo para contá-la agora. O nome desse "deus", como você disse, é Kassim Riffik. Ele almoçará conosco e se não nos apressarmos, chegaremos atrasados ao restaurante.

— Ele é árabe?

—Esse é outro detalhe — Jane avisou. — Nunca o chame de árabe. Kassim é berbere. Parece fazer muita diferença para ele.

— Hmm... — Sally sorriu com ar conspirador. — Você e ele...? Você sabe, existe alguma coisa...?

Jane suspirou.

.

— Creio que sim. Contarei sobre isso depois.

Os olhos de Sally adquiriram um brilho de expectativa.

— É bom mesmo. Quero saber absolutamente todos os detalhes.

Avisou a ajudante para cuidar do balcão, pegou a bolsa e saiu com Jane.

Galantemente, Kassim saiu do carro para recebê-las. Jane observou com divertimento a expressão do rosto de Sally. Sua amiga parecia hipnotizada pelo charme de Kassim, como ela própria ficara na primeira vez em que o vira.

— Em companhia de duas mulheres tão lindas, causarei inveja em todos os homens de Londres.

Sally ficou completamente boquiaberta ao saber como sua amiga e Kassim haviam se conhecido.

Porém, quando Jane anunciou que queria voltar a ser sócia dela nas butikues e que Kassim também pretendia se tornar sócio das duas, Sally hesitou.

Então Jane contou tudo que lhe acontecera na última semana e o modo como Kassim a salvara das garras de Hassan, revelando ser um homem íntegro e corajoso.

— Ok, acredito em você — declarou Sally.
— Apesar de maluca, a história soa verdadeira.

Jane sorriu, aliviada.

— Bem, agora que sua curiosidade foi satisfeita, e que provei que Kassim não é um

bárbaro sanguinário, poderíamos chegar em um acordo quanto à sociedade?

Após examinar cada uma das amostras que Jane trouxera, Sally continuou num torturante silêncio. Tirou os óculos, limpou cada uma das lentes e voltou a colocá-los. Observou Kassim com passividade.

Ele continuou calmo. Jane sabia que com todo o dinheiro que Kassim tinha, poderia comprar a cadeia de butiques das duas por umas cem vezes. Todavia, Sally ainda parecia não saber com quem estava lidando.

Por fim, sua amiga sorriu e disse:

— Será uma honra tê-lo como sócio, Jane, mas com uma condição.

Jane lançou-lhe um olhar de apelo.

— Temos sorte em tê-lo conosco, Sally. Não creio que alguma "condição" seja uma boa idéia.

Sally sorriu e dirigiu-se a Kassim:

— Se é mesmo tão perspicaz, sr. Riffik, já deve ter notado que Jane está completamente apaixonada. Sendo assim, insisto que a peça em casamento nesse momento. Então nosso negócio estará realmente selado.

A audácia de Sally tirou o fôlego de Jane.

— Está pedindo o impossível, Sally — respondeu Kassim. — Não posso pedir Jane .em casamento. Ela terá de procurar um marido em outro lugar.

Embora já soubesse disso de certa maneira, ouvir Kassim dizer tais palavras não deixou de ser doloroso para Jane. Forçando um sorriso, explicou a Sally:

— Kassim não pode casar comigo. Precisa de uma mulher que seja aceita pela tribo dele. E, pelo visto, eu não fui.

— Não foi?! — Sally indignou-se. Voltou-se para Kassim: — O que há de errado com ela?

— Isso é algo que tem de ser discutido entre mim e Jane. Ficarei eternamente grato se nos deixar a sós por alguns minutos.

— Sim, claro. Fiquem o resto da tarde, se quiserem. Desde que essa história tenha um final feliz.

Assim que os dois ficaram sozinhos, Kassim questionou-a:

— Quem disse que você não foi aceita pela minha tribo?

— Não foi preciso. Isso ficou bem óbvio depois do que Hassan me disse.

— Hassan! O que aquele rascunho de ser humano tem a ver com isso? Dessa vez irei mandá-lo mesmo para a força quando voltar.

Jane esperou a fúria dele se acalmar para falar:

— Foi ele quem me contou sobre a tradição de sua tribo. Quando o chefe deseja se casar, deve apresentar a mulher à tribo para obter a aprovação de todos. Principalmente se a for uma estrangeira, como eu.

Kassim assentiu.

— Ao menos uma vez na vida aquele idiota falou a verdade. Só que você se enganou no veredicto, Jane. Meu povo nos desejou uma longa e próspera vida juntos, abençoada com muitos filhos.

— Oh... E por que você não me contou nada?

Kassim segurou-a pelos ombros.

— Não contei porque agi como um romântico idiota. Achei que o assento de um carro não era o lugar apropriado para pedi-la em casamento. Queria esperar até a noite, mas tudo acabou dando errado. Falei algo que a magoou e você saiu do carro antes que eu pudesse detê-la.

— Fui eu a grande idiota dessa história — Jane salientou. — Deveria ter ouvido seu aviso.

— Então, logo no dia seguinte você anunciou que queria voltar para Londres — Kassim lembrou. — Depois de tudo que aconteceu por causa de Hassan, não pude recusar seu pedido. Eu não tinha o direito de pedir a você para passar o resto de sua vida ao lado de um homem que não era capaz nem de protegê-la.

Jane continuou olhando-o, exasperada. Honra e orgulho eram qualidades admiráveis em um homem, mas quando tornavam-se empecilhos para a concretização de um grande amor, algo precisava ser feito. E esse amor era tão verdadeiro para Jane quanto para Kassim.

Engolindo o próprio orgulho, ela declarou com a voz trêmula de emoção:

— Está me magoando agora muito mais do que Hassan, Kassim. Foi rápido o suficiente para me salvar, mas parece não se importar com a dor no meu coração.

Ele segurou-a com mais firmeza.

— Jane, não estou entendendo. É inconcebível que uma mulher ame um homem que viva colocando-a em perigo.

— Pois essa parece ser a nossa situação "normal". Também me perguntei como um homem poderia amar uma mulher que vive se metendo em encrencas. Entretanto, dizem que o amor não tem nada a ver com sensatez, não é?

As mãos de Kassim desceram até a cintura dela e ele a puxou para si. Os olhos cor-de-safira fitaram-na como se a estivessem vendo pela primeira vez.

— É tão boba quanto eu, minha rosa.

— Sei que sou... querido — sussurrou ela com um risinho.

Kassim também sorriu.

— Você trouxe a luz de volta para minha vida, inglesa. Alá deve ter me guiado até você.

— Então agora peça a Ele para guiar seus lábios até meus. Quero um beijo inesquecível, como só você pode dar. Depois iremos contar a novidade a Sally.

Capítulo XI

Durante alguns minutos, o céu ocidental ficou gloriosamente tingido com tons de laranja e vermelho. Então o sol desapareceu no horizonte, trazendo a noite para o deserto. Cada estrela foi ganhando vida e a lua surgiu com todo seu esplendor, destacando-se como uma nave prateada no céu.

Em um vasto círculo em torno do oásis, tochas haviam sido acesas pelos Homens Azuis, que formaram a guarda cerimonial durante o casamento do chefe da tribo. No momento, Kassim cumprimentava cada um deles, agradecendo-os pela lealdade.

Na grande e luxuosa tenda armada entre as palmeiras, Kebira escovou mais algumas vezes os cabelos ruivos da patroa e disse:

— Tem... tenha paciência. Kassim... logo aqui.

Jane sorriu, encorajando a moça.

— Muito bom, Kebira. Você aprende rápido. Estará falando inglês com fluência dentro de alguns meses.

Fora desejo de Kassim que o casamento acontecesse no oásis, entre o povo dele. Começara a fazer os preparativos assim que os dois haviam chegado de Londres.

Sally viajara com eles, para ser madrinha de Jane. Bastara três dias para Kassim entrar em contato com todos os parentes do norte de África, França e Espanha. Durante esse período, Jane aproveitara a oportunidade para levar a sócia até o mercado marroquino. As cores e a movimentação deixaram Sally encantada. Ao ver os artigos, ficou toda entusiasmada com a perspectiva de vendê-los em Londres.

No dia do casamento, pela manhã, dois helicópteros haviam apanhado os convidados na casa de Kassim. Desse modo, a viagem até o oásis levaria menos de meia hora. Kassim havia partido para o deserto logo cedo, para cuidar dos últimos detalhes. Jane fora a última a deixar a casa, em companhia de Kebira, Sally e Irmã Mary, que aparecera de repente, ofegante.

— Oh, tive um problema na clínica que me atrasou, mas eu não perderia esse evento por

nada desse mundo! Eu sabia que chegaria um dia em que eu veria Kassim casado e feliz.

O comentário despertou algo na lembrança de Jane. Sorriu para a ex-freira e perguntou num tom casual:

— Vive aqui há muito tempo, não é, Irmã Mary? A essa altura, já deve conhecer os costumes locais?

Mary assentiu.

— Sim, muito. E alguns deles são bem estranhos, posso lhe assegurar. Só que nunca interferi em nada. O país é deles, não meu.

— Claro. Então na primeira vez em que contei que Kassim havia me levado para ver os Homens Azuis, você deve ter deduzido que ele pretendia se casar?

Mary sorriu com um olhar maroto.

— Digamos que sim.

— E não me falou nada, sua traidora? — Jane brincou dm tom de acusação. — Disse que talvez Kassim quisesse apenas me mostrar como era a vida no deserto.

— Bem, da primeira vez em que nos vimos, você usava um anel de noivado. Depois, quando me contou sobre os Homens Azuis, já não estava com ele. Eu não soube o que

pensar, portanto decidi apenas manter a boca fechada a respeito da tradição. Porém, eu tinha certeza de que as coisas dariam certo no final. E não deram?

Jane sorriu com afeição.

— Sim, Mary. Acho que deram.

A cerimônia aconteceu uma hora depois que elas haviam chegado ao oásis. O vestido de Jane era todo de seda branca, com bordados em dourado. Kebira cuidara dos detalhes dos cabelos e da maquiagem.

No início da cerimônia, Jane fora cercada por Sally e todas as mulheres da tribo, que a conduziram até Kassim. Sob a sombra de uma ampla tenda aberta, armada entre várias palmeiras, Jane ouvira as estranhas palavras berberes da cerimônia, que os uniam como marido e mulher.

A festa durara o resto do dia, mas agora que a noite chegara, todos os convidados já haviam retornado para a cidade. Uma paz serena voltara a reinar sobre o deserto.

Kebira cantarolava baixinho, enquanto escovava os cabelos da patroa, mas parou de repente, abaixando a escova.

— Acho... ouvi algo...

Jane olhou-a no mesmo instante.

— É Kassim?

Kebira esperou um momento, estreitando o olhar para observar a escuridão em meio às árvores lá fora. Então sorriu para Jane.

— Seu marido... vindo.

Jane sentiu o coração se acelerar. Levantou-se da pilha de almofadas onde estivera sentada durante a última meia-hora.

De súbito, a silhueta alta, vestida de azul, surgiu na entrada da tenda, iluminada por lampiões. Quando Kassim entrou, Kebira despediu-se com um gesto de cabeça e se retirou.

Durante algum tempo, Kassim pareceu satisfeito em permanecer ali parado, apenas admirando-a.

— Bem, minha rosa, estamos sozinhos finalmente. Venha para mim. Quero sentir o perfume de seus cabelos e provar o mel de seus lábios. O dever me privou desses prazeres até agora.

Jane aproximou-se dele, deixando os braços fortes e aconchegantes a envolverem com carinho. Rendeu-se ao beijo de Kassim,

deixando seus sentimentos fluírem com liberdade.

Depois de algum tempo, ele se afastou um pouco com visível relutância.

— Se Alá me concedesse um desejo, eu pediria que as estrelas parassem seus cursos nesse momento, para que essa noite durasse para sempre... — Fitou os olhos cor-de-esmeralda e suspirou: — Mas já que Ele tem outras coisas com as quais se preocupar, devemos ficar felizes por Ele já nos ter dado a oportunidade de ficarmos juntos.

Beijou-a mais uma vez e se afastou até um canto da tenda. Por detrás de uma cortina, pegou um cesto com champanhe e alguns petiscos. Encheu duas taças e entregou um a ela.

— Admiro muito alguns costumes ocidentais, e esse é um deles. Desculpe por não termos caviar.

— Ótimo. Detesto aquilo. Mas disso eu gosto — provou o champanhe.

— Eu sabia que iria gostar. Champanhe foi feito para mulheres bonitas e noites como essa.

Após tomar um gole da bebida, Kassim levou-a para o lado de fora, onde admiraram o esplendor da noite. Ouviram risos vindos das tendas afastadas. Pelo visto, a festa entre os outros membros da tribo continuaria até a madrugada.

Fazia algum tempo que estavam abraçados em silêncio quando Jane perguntou:

— Querido, conheci mesmo todos os membros da sua família hoje? Não lembro de ter visto seu sobrinho. Aquele que perdeu o dinheiro em apostas.

— Ele não é mais bem-vindo nessa família. A mãe dele estava aqui, mas ele se encontra no lugar que merece: limpando o chão da cozinha de um hotel, em Tangier.

Jane fitou-o nos olhos.

— Sei que isso não é da minha conta — disse a ele —, mas será que não poderia encontrar um meio de perdôá-lo em seu coração? Trazê-lo novamente para a família?

— Quer que eu faça isso?

Jane assentiu.

— Sim, acho que é o que deveria fazer.

— Então farei.

Olhou para as estrelas como se a explicação para a excentricidade das mulheres pudesse ser encontrada entre elas. Então sorriu para a esposa.

— Sua preocupação com um completo estranho é admirável, minha rosa. Todavia, importa-se de me dizer o motivo?

— Bem, todos cometemos erros na vida, não? Além do mais, ele foi apenas outra vítima de Damien. Sem contar que temos uma dívida de gratidão com ele. Se não fosse por seu sobrinho, você não teria ido a Londres e nunca teríamos nos conhecido.

Kassim riu com divertimento.

— Pelas barbas do profeta! Você tem razão! Talvez Alá o tenha usado como instrumento para nos unir. De fato, meu sobrinho merece até uma recompensa. Em vez de limpar chão, será nomeado gerente de um de nossos novos hotéis em Agadir. — Tomou a mão dela. — Venha. Vamos descobrir que outros tesouros meu generoso espírito tem a oferecer.

Dentro da tenda, sentaram-se sobre as almofadas, depois de encher as taças com mais champanhe.

— Existe mais algum desejo que queira realizar? Algo que esteja ao meu alcance? — Kassim questionou num tom aveludado.

— Quero aprender a falar berbere.

— Isso é ótimo, mas terá de esperar até amanhã. Essa noite falaremos apenas a linguagem do amor. Mais alguma coisa?

— Só um último pedido, querido.

— Diga e eu farei.

Jane deixou o copo de lado e sorriu, insinuante.

— Quer por favor deixar essa bebida de lado e me abraçar? Esse diálogo já está se estendendo demais para gosto.

— Sim, tem razão. Estamos perdendo um tempo precioso.

Kassim tomou-a nos braços, beijando-a com ardor. Não demorou muito para deitarem sobre as almofadas, iniciando uma inesquecível noite de amor, da qual as únicas testemunhas seriam as estrelas...

Um ano se passou.

Certa noite, Kassim dormia ao lado de Jane quando um leve ruído foi suficiente para acordá-lo. Com cuidado para não despertá-la,

ele saiu da cama e foi até o berço, tomando o filho nos braços.

Os olhos azuis de Kamal abriram-se e o observaram. Um sorriso insinuou-se nos lábios do bebê ao reconhecer o pai. Logo ele voltou a fechar os olhos, adormecendo.

Mantendo-o nos braços, Kassim aproximou-se da janela, embalando-o devagar. O brilho das estrelas refletia-se sobre a água da piscina lá embaixo. Em meio a tanta paz e tranqüilidade, Kassim sorriu, lembrando-se da agitação que houvera na casa no dia em que Kamal nascera,

Ao se aproximar o dia de Jane dar à luz, os Homens Azuis e suas famílias vieram do deserto e acamparam em um local nos arredores da cidade, esperando pelo grande evento.

Kassim fizera o parto com a ajuda da Irmã Mary. Ver seu filho nascer fora o momento mais importante de sua vida. A alegria de segurá-lo nos braços fora indescritível, quase divina.

A notícia se espalhou e não demorou muito para a casa se encher e os membros da cidade decretarem três dias de comemoração.

Na mesma noite, os Homens Azuis e as suas esposas haviam visitado Kamal, saudando o futuro chefe da tribo.

Depois os festejos haviam se estendido para os jardins da casa, enchendo a atmosfera de alegria. Com o filho junto ao seio, Jane observara tudo pela janela do quarto, feliz com a recepção que seu bebê tivera nesse mundo.

Agora os ecos daquela noite já faziam parte do passado. Kassim permaneceu diante da janela por mais alguns minutos. Certificando-se de que Kamal estava mesmo adormecido, colocou-o de volta no berço com cuidado.

Jane estava deitada de costas, com um braço para cima. Os seios subiam e desciam, ao ritmo de sua respiração. O lençol de cetim havia escorregado um pouco, revelando a bela nudez feminina. Kassim não teve a mínima pressa de cobri-la. Esse era um hábito que adquirira ao longo do tempo, depois do casamento. Gostava de ficar olhando sua Jane adormecida e saber que ela pertencia somente a ele tanto quanto ele era apenas dela.

Sob a tênue luz do abajur, percorreu a vista pelas formas arredondadas e deitou ao

lado dela. Com cuidado para não acordá-la, deslizou suavemente a ponta dos dedos sobre os seios perfeitos, adorando sentir a maciez da pele aveludada. Inclinou a cabeça, inspirando o perfume que ela emanava. Com infinito carinho, roçou os lábios no rosto dela. Jane se mexeu e Kassim ficou imóvel durante alguns segundos para não acordá-la. Então beijou-a mais uma vez e sussurrou:

— Eu te amo, minha rosa. Sempre amarei.

Jane manteve os olhos fechados e esperou até Kassim adormecer. Aninhou-se junto ao peito dele, ouvindo as batidas compassadas de seu coração.

— Eu também sempre te amarei, meu corajoso bárbaro — sussurrou. — Sempre...

Com um sorriso de pura felicidade, fechou os olhos e adormeceu.

FIM